



**UFRPE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**LAUANE XAVIER DE LIRA**

**“ME DESCOBRI NEGRA”: IDENTIDADE RACIAL DE ESTUDANTES DE  
PEDAGOGIA NA UFRPE**

**RECIFE**

**2025**

**LAUANE XAVIER DE LIRA**

**“ME DESCOBRI NEGRA”: IDENTIDADE RACIAL DE ESTUDANTES DE  
PEDAGOGIA NA UFRPE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Prof. Orientador: Dr. Aristeu Portela Júnior.

**RECIFE**

**2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

L768” Lira, Lauane Xavier de.  
“Me descobri negra”: identidade racial de estudantes de  
Pedagogia na UFRPE / Lauane Xavier de Lira. – Recife,  
2025.  
68 f.; il.

Orientador(a): Aristeu Portela Júnior.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –  
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura  
em Pedagogia, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Estudantes negros . 2. Pedagogia. 3. Estudantes  
negros - Pedagogia. 4. Pedagogia (Ensino superior) 5.  
Negros - Educação (Superior). I. Júnior, Aristeu Portela,  
orient. II. Título

CDD 370

**LAUANE XAVIER DE LIRA**

**“ME DESCOBRI NEGRA”: IDENTIDADE RACIAL DE ESTUDANTES DE  
PEDAGOGIA NA UFRPE**

Data da Defesa: 25/02/2025

Horário: 10h

Local: Sala 10B no Bloco B do Departamento de Educação (DEd/UFRPE)

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Aristeu Portela Júnior (UFRPE) - Orientador

---

Profa. Dra. Denise Maria Botelho (UFRPE) - Examinadora Interna

---

Prof. Dr. Diego da Costa Vitorino (UFRPE) - Examinador Interno

Resultado:  Aprovada

Reprovada

Ao meu filho, que tenha sempre um  
pedaço para guardar de mim.

## AGRADECIMENTOS

Não consigo chegar nesse momento da minha formação sem agradecer às pessoas que me auxiliaram no caminho até aqui. Caminho que sequer existia, para que eu pudesse dar um passo à frente era preciso colocar uma pedra para apoiar o pé e não cair. E essa estrada, construída a muitas mãos, tem pedras de diferentes cores, formatos e quantidades, mas existiu graças a contribuição de cada pessoa que me auxiliou. Como uma pessoa que adora ouvir e contar uma boa história, quero tornar esse espaço especial dessa forma, fazendo um agradecimento às alegrias que vivi e às tristezas que deram sentido para a felicidade. Assim misturamos as lágrimas com risos, como sempre fizemos.

Agradeço ao meu filho, **Rafael**. Quando você crescer irei te mostrar esse texto, para que saiba que também foi eternizado nesse trabalho o meu amor por você. Ser sua mãe com certeza foi a razão que me fez chegar até aqui. Muitas vezes você foi participante de trabalhos e até estudo de caso. Se tornou o mascote da turma, conversando com todas as pessoas, nos acompanhando nas aulas de campo e nesse último ano também dividiu a sala de aula conosco, incansavelmente. Esse diploma também vai ser seu e sempre vai ser por você.

Sou imensamente grata à **minha família** que torceu por mim desde a inscrição no processo seletivo, que ficou com meu filho para que eu pudesse fazer a prova do ENEM. À família que pegou em minha mão e fez a matrícula na Universidade, quando eu nem sabia qual ônibus pegar. A quem acreditou mais em mim mais do que eu mesma, cultivando minhas asas para que eu também pudesse voar, até para rotas distantes de vocês. Me ensinaram o valor da verdade, sinceridade, e acreditem, por mais que eu nunca tenha dito antes, mudou muita coisa em mim para melhor. Espero conseguir nomear essa declaração para vocês futuramente, por hora, sinto saudades.

O meu grande obrigada à **Júlia**, amiga e amada, por dividir comigo essa vida e tornar as coisas mais felizes. Por me mostrar possibilidades e, principalmente, por sempre me lembrar que eu não estou sozinha. Sua companhia e ajuda foram meu ninho quentinho em dias de tempestade.

**Minhas amigas**, como eu sou grata por ter vocês em minha vida. São pessoas muito especiais, que acolheram minhas dores, partilharam muitas

conversas, refeições no RU, dias de brincadeira e de luto. Obrigada por se tornarem minha família também.

Tem duas amigas especiais na minha trajetória que merecem um destaque aqui, **Juliana e Eunice**. O início, o meio e o fim dessa graduação foram com vocês. Foi o seu apoio que tive nos momentos mais decisivos da minha vida, foram com quem eu mais tive afinidade para conversar sobre tudo. Obrigada pela responsabilidade e paciência, pelos saberes partilhados, pelas risadas e por tornarem as coisas mais leves. Torço imensamente por sua felicidade, suas conquistas me alegram genuinamente, amo vocês.

À **minha turma**, que com muita alegria levou essa graduação e que apesar das dificuldades, sempre prestou ajuda. Dividir a sala de aula com vocês foi muito feliz, vocês são uma potência e quero continuar acompanhando seus voos.

Uma das minhas primeiras atuações na universidade se deram dentro da **Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania (PROExC)**, ainda no ano de 2020. Entrei na extensão como uma menina meio medrosa, que não conhecia muita coisa, mas que estava disposta a aprender, e que sorte a minha ter tido a companhia de pessoas que queriam me ensinar. Marcos, Fábila, Moisés, Presciliana, Guilherme, Eduardo, Zé Nilton, Rayssa, Franci, Roberto, Yasmin, Lucas, e tantos outros(as) que levarei para sempre em meu coração. Me deram espaço para aprender e oportunidades preciosas. Compartilhamos risadas enquanto tomávamos um café, quebramos a cabeça em reuniões, organizamos eventos, elaboramos políticas universitárias, tudo de maneira extremamente humanizada e atenciosa. Paulo Freire nos uniu e o velho sabe reunir pessoas do bem.

Para ter êxito nessa trajetória acadêmica, foi fundamental o apoio financeiro de projetos e programas da UFRPE com foco na **assistência estudantil**. Fui bolsista durante toda a minha graduação, inicialmente no Programa de Bolsas de Incentivo Acadêmico (BIA), posteriormente como Bolsista de Extensão (BEXT), também atuei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e por fim no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). São incontáveis as contribuições que cada projeto trouxe para minha vida, mas o impacto financeiro na vida dos/as estudantes é um elemento decisivo para sua permanência e conclusão. Por isso, não posso deixar de evidenciar as

oportunidades e estabilidades mínimas que me proporcionaram para chegar aqui. Para que tais programas possam ser ampliados e alcançar cada vez mais pessoas.

O meu mais carinhoso obrigada aos **professores/as do curso de Licenciatura em Pedagogia**, pelo comprometimento com a profissão e por serem exemplos de educadores/as para mim. Cada etapa desse processo teve a sua imprescindível colaboração.

Nesse momento não posso deixar de mencionar **Fabiana Cristina da Silva** (*in memoriam*), uma professora muito importante para mim e para este trabalho. Fabi, como sempre a chamamos carinhosamente, foi a pessoa que torcia pelas conquistas de cada estudante e trazia alegria por onde passava. Costumávamos brincar ao dizer que era “deus no céu e Fabi na terra”, pois era uma professora que com muito humor e seriedade (características antagônicas muito comuns nela) construía conosco um processo educativo cheio de responsabilidades, afeto e identificação. Foi parecerista deste trabalho e nossa avaliadora na Iniciação Científica. Seus direcionamentos foram singulares, extremamente atenciosos e enriquecedores. É com lágrimas nos olhos que sempre lembrarei de você, mas também com um sorriso no rosto. Hoje você é a nossa estrela no céu, mas sua passagem deixou marcas que brilham imensamente em qualquer lugar. Muito obrigada, querida Fabi, para sempre estará em nossos corações.

Aproveito esse momento para agradecer à **banca de avaliação**, por aceitarem contribuir com este trabalho. Suas ricas trajetórias acadêmicas e experiências profissionais agregam um valor inestimável a esta pesquisa.

Às **participantes da pesquisa**, sem as suas contribuições nada disso seria possível. A totalidade de suas experiências jamais poderia ser expressa por este trabalho, obrigada por terem compartilhados suas dores, sugestões e reflexões conosco. Que sigamos juntas na luta por uma sociedade melhor, cheia de negronas empoderadas e felizes.

Por último, deixei um agradecimento que nem sei direito como fazer, tendo em vista que são tantos que chego a me perder neles. **Aristeu**, é realmente difícil colocar em palavras o quanto sou feliz pela oportunidade de ter te conhecido e recebido seu apoio como orientador e amigo. Seu compromisso, responsabilidade, ética e dedicação com tudo o que fizemos juntos são motivadores da minha prática pessoal e profissional. Foram mais que projetos de iniciação científica, viagens, congressos, reuniões e trabalhos, foram sonhos realizados. Sempre lembrarei das

lágrimas divididas, abraços acolhedores, conselhos e acalento. Gostaria que todas as pessoas tivessem a sorte de ter um Aristeu em suas vidas, tenho certeza de que, assim como eu, aprenderiam a ser pessoas mais pacientes, cuidadosas e amorosas. Não há nada nesse trabalho que não tenha sua participação. Relembrando, hoje, vejo que me fez orientações bem mais significativas do que eu poderia imaginar. Obrigada. Muito, muito obrigada!

Sou uma negra, de pele negra (oh-oh-oh-oh)  
De alma negra, postura negra (oh-oh-oh-oh)  
Tô com as negras, sou mais as negras (oh-oh-oh-oh)  
Se não é negra, não fala das negras (oh-oh-oh-oh)

Eu sou uma mulher negra, sou filha, sou neta  
Sou irmã, sou sobrinha de uma mulher negra  
Eu consumo de mulheres negras

Minhas roupas, minhas unhas, meu cabelo  
Tudo o que eu sou vem de uma mulher negra  
Não tem como eu não torcer pelas negras  
Ainda mais em um mundo que é contra a gente

(Afreekassia, 2023).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar os processos de construção da identidade racial de estudantes de Pedagogia do curso presencial na UFRPE, e assim contribuir com a reflexão sobre os fatores essenciais na delimitação da identidade negra, investigando os elementos e experiências que se apresentam durante a sua construção. Para isso, desenvolvemos uma pesquisa de cunho qualitativo, caracterizada como Estudo de Caso (Minayo, 2007). Como técnica de coleta de dados, aplicamos um questionário virtual por meio da plataforma Google Formulários, com estudantes matriculadas entre o terceiro e oitavo período da matriz curricular do curso, durante o período da sua realização. Para aprofundamento na temática, foi realizado um estado do conhecimento nas publicações das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e dos Congressos Brasileiros de Pesquisadores(as) Negros(as) (COPENE). A técnica de análise adotada para os dados coletados é a análise de conteúdo temática (Gomes, 2007), aplicada nas respostas do questionário. Apontamos algumas categorias que se referem à marcadores que propiciam a construção da identidade negra, a saber as Características fenotípicas; Marcadores culturais e/ou políticos; a Autodeclaração racial; e a Educação formal – Educação básica e Ensino superior. Como resultados, identificamos que as características fenotípicas, principalmente a pele e o cabelo, são os principais alvos de manifestação do racismo. No que se refere a autodeclaração racial, analisamos que há divergências quanto às nomenclaturas utilizadas espontaneamente ou direcionadas de acordo com as categorias do IBGE. Ao investigarmos as contribuições dos marcadores culturais e/ou políticos, foi possível perceber sua influência para a formação de uma identidade política engajada no combate ao racismo. Enquanto isso, a escola aparece como um ambiente de silenciamento do debate racial e, portanto, perpetuador da estrutura do racismo. Em contraste, é expressiva a contribuição advinda da participação no ensino superior, que proporcionou reflexões capazes de auxiliar positivamente na consolidação dessas identidades, bem como no aprofundamento do estudo do racismo e seus impactos.

**Palavras-chave:** Identidade Negra. Pedagogia. Estudantes. Ensino Superior.

## **ABSTRACT**

The general objective of this study is to analyze the processes of racial identity construction among Pedagogy students in the in-person course at UFRPE, and thus contribute to the reflection on the essential factors in the delimitation of black identity, investigating the elements and experiences that occur during its construction. To this end, we developed a qualitative research, characterized as a Case Study (Minayo, 2007). As a data collection technique, we applied a virtual questionnaire through the Google Forms platform, with students enrolled between the third and eighth period of the course curriculum, during the period of its completion. To further explore the theme, a state of knowledge was carried out in the publications of the National Meetings of the National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPEd) and the Brazilian Congresses of Black Researchers (COPENE). The analysis technique adopted for the collected data is thematic content analysis (Gomes, 2007), applied to the questionnaire responses. We identified some categories that refer to markers that facilitate the construction of black identity, namely: Phenotypic characteristics; Cultural and/or political markers; Racial self-declaration; and Formal education – basic education and higher education. As a result, we identified that phenotypic characteristics, especially skin and hair, are the main targets of racism. Regarding racial self-declaration, we analyzed that there are divergences regarding the nomenclatures used spontaneously or directed according to the IBGE categories. When investigating the contributions of cultural and/or political markers, it was possible to perceive their influence on the formation of a political identity engaged in the fight against racism. Meanwhile, school appears as an environment that silences racial debate and, therefore, perpetuates the structure of racism. In contrast, the contribution arising from participation in higher education is significant, which provided reflections capable of positively assisting in the consolidation of these identities, as well as in the deepening of the study of racism and its impacts.

**Keywords:** Black Identity. Pedagogy. Students. Higher Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Gráfico 1:</b> Gênero dos(as) estudantes do curso de Pedagogia na UFRPE.....	39
<b>Gráfico 2:</b> Período em que as participantes estavam matriculadas .....	40
<b>Gráfico 3:</b> Idade das participantes.....	40
<b>Gráfico 4:</b> Autodeclaração racial das participantes.....	40
<b>Quadro 1:</b> Autodeclaração racial espontânea das participantes.....	47
<b>Quadro 2:</b> O papel da escola para a construção da identidade racial.....	50
<b>Quadro 3:</b> Contribuições da graduação em Pedagogia na UFRPE.....	53
<b>Quadro 4:</b> O debate sobre identidades raciais na formação em Pedagogia.....	56

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	20
1.1 - Identidade negra: concepções e marcadores.....	21
1.1.1 - Características fenotípicas.....	25
1.1.2 - Marcadores culturais e/ou políticos.....	27
1.1.3 - Autodeclaração racial.....	28
1.1.4 - Educação formal: Educação básica e Ensino superior.....	31
<b>CAPÍTULO 2 – OPÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	37
<b>CAPÍTULO 3 – DESCOBERTAS E REFLEXÕES DA PESQUISA</b> .....	42
3.1 - Características fenotípicas: “menos favorita” por não ser branca.....	42
3.2 - Marcadores culturais e/ou políticos: “ativando o modo Malcolm X”.....	44
3.3 - Autodeclaração racial: “estou num processo de descoberta”.....	47
3.4 - O papel da escola: “carta branca para ser racista”.....	49
3.5 - Graduação em Pedagogia: contribuições do ensino superior.....	52
<b>CONCLUSÕES</b> .....	59
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	62
<b>APÊNDICE I – TRABALHOS SELECIONADOS NO ESTADO DA ARTE</b> .....	65
<b>APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO VIRTUAL</b> .....	67

## INTRODUÇÃO

“Preta de quebrada  
se liga na caminhada  
que a garra tive que ter  
foi na infância humilhada  
não foi fácil pra mim  
ser uma preta empoderada  
porque antes tive que ser  
uma neguinha empregada  
é porque com seus olhinhos verdin, sim  
que você passa despercebida  
e o B.O. vem só pra mim  
é, eu também não queria que fosse assim  
só não venha me dizer que a luta preta teve fim”  
(Ministereo Público Sound System, Preta)

A música que inicia esse trabalho faz uma representação da trajetória de muitas pessoas negras em nossa sociedade. A escolhi nesse momento porque ela também traz à tona elementos que discutiremos no decorrer do trabalho, o racismo e seus atravessamentos, embora alguns tentem dizer que não existe em nosso país; a discriminação racial, e, principalmente, a construção de uma identidade negra.

Assim como aconteceu ao eu lírico da música, também não foi fácil para as participantes deste estudo se tornarem “negras empoderadas” e esse cenário vem se repetindo ao longo dos anos com pessoas negras de diferentes contextos. Mas o que seria ser uma negra empoderada?

Joice Berth (2019) define o conceito de “empoderamento” sob duas perspectivas complementares: o individual e o coletivo. O primeiro refere-se à “consciência de si mesmo enquanto pessoa e enquanto membro de uma classe oprimida” (p. 19), que desnaturaliza as opressões vivenciadas e permite que o indivíduo se torne um sujeito crítico de sua própria realidade. Dessa maneira, ele pode se unir ao coletivo para buscar melhores e mais justas condições de vida. No que diz respeito às pessoas negras, isso também envolve a conscientização sobre o racismo e seus impactos na população negra, além de ressignificar sua própria história, escrevendo-a com suas próprias mãos e oferecendo suporte para o processo de empoderamento de outras pessoas (p. 79).

Nesse sentido, este trabalho surge como uma ação que busca contribuir para a positivação da identidade negra de todos/as que participaram, além de uma

preocupação em realizar uma pesquisa alinhada à minha própria trajetória pessoal no ensino superior, que está sendo marcada pelo interesse em estudar as relações raciais em nossa sociedade e as implicações que pessoas negras, como eu, vivem por meio delas.

Desde o meu ingresso na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) sempre participei de projetos acadêmicos que visam fortalecer a permanência acadêmica dos/as estudantes, especialmente daqueles/as que são cotistas, por meio da concessão de bolsas estudantis. Ainda no final do segundo período do curso, fui convidada pelo professor Aristeu Portela, que também me orienta no trabalho aqui desenvolvido, a participar de um projeto de iniciação científica que tinha como objetivo investigar as comissões de heteroidentificação que atuam no processo de matrículas dos/as estudantes que desejam ingressar em universidades públicas por meio das cotas reservadas para pessoas negras<sup>1</sup>.

Entre os anos de 2021 e 2023 realizamos diversos estudos e reflexões por meio de encontros sistemáticos, que ocasionaram na escrita de alguns relatórios, artigos, na participação em minicursos, palestras e apresentações de trabalhos em congressos de amplitude nacional (IX Congresso Nacional de Educação) e regional (IV Congresso de Pesquisadores/as Negros/as/es do Nordeste).

Essas ações contribuíram com o êxito do meu desempenho acadêmico ao aproximar-me das etapas de elaboração e desenvolvimento de uma pesquisa com rigor científico, que puderam ser aplicadas durante toda a minha formação em diferentes áreas de estudo. Por todo esse envolvimento é possível perceber que desenvolvi uma grande afinidade com a temática, que se estendeu a mais um projeto de iniciação científica, do qual o meu plano de trabalho resulta no trabalho de conclusão de curso aqui apresentado<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Programa de Iniciação Científica Voluntária (PIC/CNPq/UFRPE), realizado no período de outubro de 2021 a agosto de 2022, e, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFRPE), no período de setembro de 2022 a agosto de 2023, com o projeto "*Ações afirmativas no ensino superior e identidades étnico-raciais: um estudo do monitoramento da política de cotas nas universidades federais brasileiras*" e plano de trabalho "*Ações afirmativas, identidades étnico-raciais e o monitoramento da política de cotas em universidades federais da Região Nordeste do Brasil*".

<sup>2</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFRPE), realizado no período de setembro de 2023 a agosto de 2024, com o projeto "*Investigando caminhos de transgressão: perspectivas decoloniais e queer nas teorias e práticas educacionais*" e o plano de trabalho "*Identidades raciais na formação e nas práticas político-pedagógicas de educadoras e educadores antirracistas*".

Para além das conquistas acadêmicas que vivemos juntos e juntas, participar dos projetos me trouxe significativas conquistas pessoais. Assim como veremos acontecer com muitas participantes da nossa pesquisa, a integração no ambiente acadêmico me proporcionou investigar dimensões da nossa sociedade, especificamente atreladas a racialidade, até então desconhecidas por mim. Eu já me reconhecia enquanto uma mulher negra, mas, os diálogos realizados na iniciação científica me permitiram analisar situações discriminatórias e racistas que já vivenciei sem compreendê-las no momento, assim como também me proporcionou o fortalecimento da minha identidade e a valorização da ancestralidade afrobrasileira expressa no meu corpo.

Como dito anteriormente, após estudos e reflexões críticas (Carneiro, 2023; Bento, 2022; Mesquita, 2022; Almeida, 2020; Kilomba, 2019; Gomes, 2017; Osório, 2003; Telles, 2003; Cavalleiro, 2001; entre outros/as), entende-se que a população negra de nosso país, afetada pelo racismo, molda positiva ou negativamente as formas que constitui sua identidade. Percebemos que esse processo é realizado, principalmente, com base em marcadores fenotípicos, políticos, culturais e educacionais.

O racismo operante em nossas relações é, portanto, crucial para compreendermos os fenômenos que investigamos, uma vez que hierarquiza nossas experiências, estéticas, crenças e valores, buscando nos afastar daquilo que nos constitui. Dessa forma, desejamos compreender como o processo de construção da identidade negra acontece com as estudantes do curso presencial de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE, que será articulado, principalmente, às percepções individuais que essas pessoas possuem dos elementos que consolidaram suas identidades.

Para isso, temos como objetivo geral analisar os processos de construção da identidade racial de estudantes do curso presencial de Pedagogia na UFRPE, e assim contribuir com a reflexão sobre os fatores essenciais na delimitação da identidade negra, investigando os elementos e experiências que se apresentam durante a sua construção. Também é um anseio trazer novas reflexões para o ambiente acadêmico, problematizando as vivências que nele se realizam. Como iremos ver mais adiante, a universidade tem um papel significativo para a construção e afirmação da identidade negra dos/as estudantes, portanto, é

necessário um olhar cuidadoso para o papel que vem desempenhando nessas trajetórias.

De maneira complementar, nossos objetivos específicos consistem em investigar o papel desempenhado pelas características fenotípicas de pessoas negras na construção de sua identidade racial; bem como delinear as referências políticas, culturais, teóricas e pessoais que utilizam nesse processo. Também buscamos explorar a influência da formação em Pedagogia na UFRPE para a construção da identidade racial de seus/suas discentes.

No escopo da instituição e curso pesquisados, a discussão sobre as identidades raciais dos/as estudantes ainda não está consolidada – apesar de outros vieses raciais serem contemplados –, poucos trabalhos foram desenvolvidos com este intuito e percebe-se a necessidade de realizarmos aprofundamentos nessa dimensão. Tendo em vista que essa ação irá contribuir com a formação docente, principalmente daquelas que atuam com crianças, que estão na fase inicial do seu desenvolvimento, momento crucial para a construção de uma identidade positiva e reafirmada.

No “Capítulo 1 – Fundamentação teórica” desenvolvemos um estudo teórico conceitual com discussões fundamentais sobre a identidade negra e conceitos que lhe estão atrelados e são orientadores. Estabelecemos relações com autores/as amplamente referenciados/as nas discussões realizadas sobre esta temática; como Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Rafael Guerreiro Osório, Cida Bento, Grada Kilomba, entre outros/as; em virtude das suas notórias contribuições para a compreensão das relações raciais em nossa sociedade. Além de dialogarmos com pesquisas recentes, obtidas por meio de um estado da arte nas Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e no Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as) (COPENE).

Apresentamos detalhadamente a metodologia da pesquisa mais adiante no “Capítulo 2 – Ações metodológicas”. Para atender aos nossos objetivos, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, que se caracteriza como estudo de caso, desenvolvida com discentes do curso presencial de Licenciatura em Pedagogia na UFRPE, matriculadas entre o terceiro e o oitavo período da matriz curricular atual. Como técnica de coleta de dados, realizamos um questionário digital e empregamos a análise de conteúdo temática nos resultados obtidos, que subsidiou a elaboração deste trabalho.

Por último no “Capítulo III – Descobertas e reflexões das Pesquisa” discutimos os resultados obtidos com o questionário digital que foi aplicado, estabelecendo um diálogo entre as respostas coletadas e a literatura estudada. Identificamos que todas as participantes indicaram que as características fenotípicas são consolidadoras de sua identidade racial, bem como apontaram as experiências advindas da educação básica como negativas nesse processo. Oposto a isso, o ingresso no ensino superior se mostra como principal ambiente de consolidação da identidade negra, bem como de aprofundamento no debate das relações raciais, apontado como articulador de experiências positivas.

Logo, conhecer essas narrativas nos proporcionará uma reflexão aprofundada sobre os principais espaços e contextos nos quais se desenvolve, de maneira crítica, a identidade racial dos/as futuros/as professores/as formados/as na UFRPE. Esse processo não apenas possibilita a compreensão dos desafios enfrentados, mas também cria caminhos e potencialidades para o enfrentamento e rompimento com a estrutura discriminatória do racismo.

## **CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para as reflexões e análises que nos propomos a fazer por meio do nosso problema de pesquisa, é necessário entender discussões fundamentais sobre a identidade negra, bem como conceitos que lhe estão atrelados e são orientadores para o nosso estudo. Logo, estabelecemos um diálogo com autoras e autores amplamente referenciados nas discussões realizadas sobre esta temática, em virtude das suas notórias contribuições para a compreensão das relações raciais em nossa sociedade.

Ainda nessa perspectiva, também desenvolvemos um estado da arte nos dois principais eventos científicos que se relacionam com nosso estudo, sendo eles as Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e os Congressos Brasileiros de Pesquisadores(as) Negros(as) (COPENE).

O primeiro reúne as principais pesquisas desenvolvidas sobre educação em nosso país, apresentando inovadoras experiências, o que o tornou um espaço de referência para o debate na área educacional. Enquanto o segundo traz destaque às produções realizadas por pessoas negras sobre suas vivências e atravessamentos, sendo o maior congresso desenvolvido com esta finalidade, projetado e realizado sob princípios antirracistas. Pelos motivos apresentados, nota-se a relevância que esses eventos possuem para a nossa temática de pesquisa.

As contribuições destes trabalhos estão presentes no decorrer do texto e demonstram que em diferentes contextos regionais, sociais e culturais, as pessoas negras são atravessadas pelo racismo. Está disponível em Apêndice, uma lista com os nomes dos(as) autores(as), título dos trabalhos, local e ano de publicação das referências obtidas especificamente por meio do estado da arte, para eventuais consultas e estudos. É necessário destacar que nas duas últimas edições consultadas de realização do COPENE, os anais estão disponíveis como caderno de resumos, o que dificultou uma compreensão mais detalhada de alguns de seus trabalhos em virtude da finalidade do material publicado.

No “Item 1.1 – Identidade negra”, elencamos a concepção que adotamos em todo o trabalho ao nos referirmos à identidade negra. Discutimos as dimensões que essa identidade atravessa e delimitamos alguns marcadores como seus principais

consolidadores, sendo eles a Autodeclaração racial; as Características fenotípicas; Marcadores culturais e/ou políticos; e, a Educação formal – Educação básica e Ensino superior.

Logo, teremos discutido algumas bases teóricas fundamentais para o entendimento do nosso trabalho, que nos proporcionarão um olhar mais amplo da temática e uma compreensão mais refinada dos desdobramentos que iremos realizar no “Capítulo 3 – Descobertas e Reflexões da Pesquisa”, ao explorar as contribuições que as participantes da pesquisa irão trazer por meio dos seus relatos.

### **1.1 - Identidade Negra**

Iniciemos então pela concepção de identidade que estamos adotando ao desenvolver esse estudo. Segundo Rodrigues e Bonfim (2023), a identidade é um processo que surge da relação entre os sujeitos, que permite identificar aquilo que se é por meio do que não é, ou seja, as diferenças marcam os indivíduos. No que diz respeito à identidade racial, percebemos que diversas implicações estão presentes em sua construção, partindo de concepções que as hierarquizam, colocando como inferior a identidade negra.

O processo de construção da identidade negra não está, necessariamente, atrelado ao biológico, mesmo que a cor da pele negra seja muito influente neste processo. Mas, tem a ver, principalmente, com a história de negação humana e cultural que marca as diferenças sociais e raciais na sociedade brasileira. Cada grupo tem características próprias e não será só por ter a cor da pele escura que construirá esta identidade (Reis, 2012, p. 51).

Por ser forjada no coletivo, é influenciada por diversos fatores: econômicos, religiosos, raciais, dentre outros, que contribuem para a positivação ou negação de determinadas identidades em detrimento de outras (Carneiro, 2023). A identidade racial branca com características e traços caucasianos, estabeleceu-se como padrão e modelo (corpóreo e cultural) ideal a ser seguido, desenvolvendo dessa forma um longo processo histórico de alijamento da identidade negra, que é permeada até os dias atuais pelo racismo (Rodrigues e Bonfim, 2023).

A experiência do racismo, por mais diversificada que seja a forma em que pode ocorrer, em função da maior expressão de traços negroides pelos indivíduos, é intrínseca ao delineamento da identidade negra, como ainda afirmam os autores.

[...] a identidade negra se ancora na trajetória individual e coletiva de uma pessoa enquanto alguém que vive (por conta do conjunto de seus marcadores raciais como cor da pele e tipo de cabelo), em seu cotidiano, a experiência do racismo (Rodrigue e Bonfim, 2023, p. 276).

Precisamos, então, conversar sobre o racismo, tendo em vista que é o fenômeno gerador dos conflitos identitários investigados neste trabalho. A colonização dos povos africanos marca o início de séculos de escravidão e de racismo, aqueles que foram trazidos para o Brasil sobreviveram nesse regime até o ano de 1888, momento em que ocorre a assinatura da Lei Áurea (Lei nº 3.353 de 13 de maio de 1888), que declara extinta a escravidão no país. No entanto, a abolição legal da escravidão não acompanha o fim do racismo em nossa sociedade, ao contrário, demarcam-se ainda mais a exclusão e negligência com as pessoas negras, que não receberam nenhum tipo de auxílio e inclusão social.

Com o passar do tempo, o racismo operante em nossa sociedade sofre ajustes em sua configuração e se adapta ao contexto social que está sendo vivenciado, como tentaremos delinear a seguir. Para nos ajudar a compreender essas mudanças, recorreremos a Telles (2003) que nos apresenta a ocorrência do racismo científico no século XVIII através do determinismo biológico. Essa corrente defende que as habilidades e a capacidade intelectual dos seres humanos eram transmitidas hereditariamente pela genética, além de utilizar a craniometria (estudo das características do crânio humano) para justificar a hierarquização das funções desenvolvidas pelos grupos da sociedade. Ou seja, eram teorias pseudocientíficas que supostamente comprovavam a inferioridade da raça negra em detrimento da manutenção dos privilégios brancos.

Ainda de acordo com o autor, o país também vivenciou políticas eugenistas para o embranquecimento da população através do incentivo à imigração europeia. Essa atitude visava substituir a mão de obra anteriormente escravizada e fomentar a miscigenação da população nativa com pessoas que iriam compor um cenário racial mais desejável para a nação. Consecutivamente, com o avanço científico na biogenética, foi comprovada a invalidez dessas informações, que não puderam mais ser utilizadas como justificativas com base na dita racionalidade para atitudes de cunho discriminatório.

Posteriormente, populariza-se um novo discurso sobre as relações raciais, especificamente sobre a miscigenação, indicando que somos um país majoritariamente miscigenado, que vive uma democracia racial, ou seja, não vive

conflitos com origem na racialidade pois no Brasil ela teria se dado de modo fluído e harmonioso entre os três povos geradores (portugueses, africanos e indígenas). Dessa forma, é possível camuflar o racismo que estigmatiza a vida de pessoas negras, justificando-se sob as equivocadas comparações, também apontadas por Telles (2003), entre as práticas racistas de países como os Estados Unidos da América e a África do Sul, que viveram regimes de segregação racial mais delimitados, e o Brasil, que experiencia outro sistema de discriminação racial.

Em nosso país o racismo se expressa de forma diferente da que ocorre em outros lugares, como no exemplo dado dos Estados Unidos da América, em que se exerce uma expressão que é motivada pela origem dessa população, ou seja, sua ascendência. No cenário brasileiro essa expressão ocorre pelas características fenotípicas dos sujeitos, aquelas que são visíveis e inscritas em seus corpos, desconsiderando sua ascendência (Nogueira, 2006). Apresentaremos mais adiante no Item 1.1.1 – “Características fenotípicas” uma discussão mais aprofundada sobre esses indicadores e seus impactos na vida de pessoas negras.

Atualmente, como um mecanismo vivo nas relações sociais, o racismo modificou-se para o que Almeida (2019) definiu como estrutural, naturalizando a hierarquização racial nas diversas relações do cotidiano coletivo, representações e estruturas administrativas. Dessa vista os privilégios recebidos por pessoas brancas mantêm-se sob justificativas “não racializadas” – como visto no período em que vigorava o pensamento da democracia racial –, que dificultam e/ou negam o acesso de pessoas negras à direitos básicos e/ou melhores condições de vida.

O autor analisa ainda quatro elementos nessa estrutura: a ideologia, o direito, a política e a economia. Para o nosso objeto de estudo em questão, é necessário realizar um destaque sobre o âmbito da ideologia, pois nele se apresentam as dimensões de construção identitária promovidas pelo racismo. É por meio da ideologia que as concepções sobre a realidade influenciam as práticas sociais, dessa forma o autor destaca as concepções negativas sobre pessoas negras, produzidas por discursos autoritários de poder, como sendo predominantes em nossas relações.

Nesse sentido, temos a obra de Sueli Carneiro (2023) que apresenta o conceito de dispositivo de racialidade. Tal dispositivo visa identificar os impactos e mecanismos do racismo, caracterizando-o como um “domínio que produz e articula poderes, saberes e modos de subjetivação” (p. 21), assemelhando-se à

implementação de uma ideologia. A autora também nos mostra como o racismo é um mecanismo social extremamente refinado, que como dito anteriormente, ajusta-se para que o “normal”, ditado por esse paradigma, não seja alterado. Para que o “anormal” continue em seus locais de desvalorização, insegurança, falta de acesso à educação, saúde básica, segurança, entre outros direitos e bens.

Na continuação do debate sobre os fatores que influenciam na construção da identidade negra, temos as contribuições de Tayná Mesquita (2022) na obra *Pedagogia Feminista Negra*, nos introduzindo à compreensão da pedagogia do racismo. Trata-se de um instrumento que influencia a construção identitária de pessoas negras com um “conjunto de mecanismos e práticas cotidianas” (p. 54) que levam em consideração, principalmente, a perspectiva da pessoa branca sobre pessoas negras. Logo, é necessário realizar uma subordinação racial com a assimilação de padrões e imposições para adequação na sociedade que foi estabelecida pelas pessoas brancas, moldando negativamente a autoidentificação da pessoa negra. Ou seja, trata-se de receber um modelo de conduta que agride a sua identidade.

Ser racializado como negro na modernidade/colonialidade passa pelo compartilhamento de uma história de violência, pilhagem e desumanização que coloca obstáculos à organização de uma identidade negra positiva (Mesquita, 2022, p. 51-52).

Diante do exposto, percebe-se a grande influência negativa que pessoas negras recebem ao se perceberem em uma sociedade que não é pensada para sua existência plena e integral. Carolina Gonçalves (2022) nos mostra que a estrutura do racismo também transforma nossos modos de saber, ser e poder, nos deslegitimando do local de produtores e protagonistas do conhecimento. Dessa forma, indica que tornar-se negra é uma conquista que se dá pela tomada de consciência desses mecanismos opressores, pois assim será possível ressignificar essas práticas e criar estratégias de sobrevivência em meio a esse contexto.

Após essas reflexões percebemos que a identidade negra não pode ser compreendida fora da compreensão do racismo e que os processos de colonização realizados séculos atrás, empregaram discriminações e preconceitos que estão presentes até os dias atuais por meio da colonialidade. Além disso, identificamos que essa identidade é influenciada de diferentes maneiras, a depender do contexto que estamos analisando. Quanto a isso, na pesquisa realizada por Claudilene Silva

(2010) explora-se a delimitação de algumas categorias que exprimem os principais ambientes que promovem a construção da identidade negra.

A autora realizou uma pesquisa com professoras negras da educação básica e com os resultados obtidos elencou os seguintes demarcadores como principais nesse processo: convivência com pessoas brancas e seus espaços; a vivência de situações de discriminação no ambiente escolar durante a infância; o discurso familiar sobre o pertencimento étnico; o discurso público sobre relações e desigualdades étnico-raciais; e o estudo da história e cultura afrobrasileira.

Compreendendo as implicações apresentadas em cada categoria do estudo de Silva (2010), formulamos nossas próprias hipóteses, referenciadas nas discussões teóricas apresentadas e no estado do conhecimento que foi empregado. Elaboramos quatro categorias de análise que se alinham aos objetivos pretendidos por este trabalho e, a seguir, discorreremos sobre a importância de cada uma na construção da identidade racial negra, sendo elas: Características fenotípicas; Marcadores culturais e/ou políticos; Autodeclaração racial e a Educação formal – composta pela Educação básica e Ensino superior.

### **1.1.1 - Características fenotípicas**

Como dito anteriormente, a expressão do racismo em nosso país também ocorre em virtude das características fenotípicas, ou seja, as características externas que podem ser observadas no corpo dos indivíduos e que formam a sua aparência. Tais características são compostas pela tonalidade da pele, estrutura do cabelo, espessura do nariz, formato do rosto, largura dos lábios, entre outras que, conjuntamente, indicam similaridades ou distanciamentos de determinados grupos raciais.

Nogueira (2006) aponta que diante de tais causas temos a configuração do racismo de marca, que é fundamentado em critérios físicos para implicar injúrias e discriminações. Diferentemente do que acontece em sociedades que vivem com o racismo de origem, ocorrido nos Estados Unidos e na África do Sul, que considera a ascendência negra dos indivíduos como delimitantes de sua identidade racial, independentemente do fenótipo que apresente.

Ao abordarmos essa especificidade contextual é preciso considerar que o corpo e o cabelo de pessoas negras possuem grande importância no seu processo de autoconhecimento. A importância e especificidade em torno dessas

características ocorre porque “o cabelo e o corpo são pensados pela cultura, por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos” (Gomes, 2019, p. 24). Em virtude do significado social que é atribuído à pele e ao cabelo, é possível perceber que atitudes racistas podem ser perpetuadas ou ressignificadas a depender do tratamento realizado.

O cabelo e o corpo negro são vistos como marca de inferioridade por rejeitarem o ideal do branqueamento e fortalecerem a ancestralidade afrobrasileira. Além disso, são elementos chave para a construção da identidade negra, tendo em vista que

Estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária (Gomes, 2019, p. 25).

A mesma autora destaca que entre as características da estética negra, o cabelo e a cor da pele são as mais significativas, pois:

Ambos são largamente usados no nosso critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade, assim como as várias gradações de negrura por meio das quais a população brasileira se autoclassifica nos censos demográficos (Gomes, 2019, p. 25).

Trata-se de elementos fundamentais para a autoidentificação e heteroidentificação (reconhecimento racial de terceiros a respeito da identidade racial de outro indivíduo), contribuindo nas construções positivas ou negativas dessas identidades e que, portanto, precisam ser destacadas em nossa análise.

Um dos recursos utilizados para encaixar a população negra no modelo ideal branco é a higienização do cabelo por meio de alisamentos e cortes. O cabelo crespo e/ou cacheado foi representado como indicador de sujeira e desleixo, sendo necessário para a pessoa negra realizar procedimentos que além de danosos à sua saúde física também ferem sua autoestima. Assim como as diversas nomenclaturas utilizadas com as pessoas negras, essas medidas visam afastar, oprimir e subjugar a estética negra em suas diferentes expressões, marginalizando esses traços fenotípicos (Pequeno, 2012).

O corpo pode tornar-se, então, um veículo de opressão ou de resistência, por meio da construção de referências identitárias que valorizem, ou não, as referências afrobrasileiras.

Como exposto, as características fenotípicas apresentam grande importância para a construção da identidade racial negra, ainda assim, outros marcadores e influências contribuem nesse processo. A seguir, dialogamos sobre os marcadores culturais e/ou políticos e as especificidades advindas do envolvimento com grupos e coletivos que refletem sobre as relações raciais no escopo de sua atuação.

### **1.1.2 - Marcadores culturais e/ou políticos**

Estamos compreendendo como marcadores culturais e/ou políticos a participação em manifestações artísticas, religiosas, político-partidárias, entre outras, com enfoque na cultura afrobrasileira. Exemplos disso são as nações de maracatu, os grupos de capoeira, as religiões de matriz africana, os movimentos sociais, entre outros. Esses marcadores influenciam a leitura de mundo realizada por seus(as) participantes, desvelando práticas racistas e criando resistências por meio da coletividade.

O contrário também nos ocorre: a sociedade realiza uma leitura dos indivíduos em decorrência do seu envolvimento com marcadores associados à cultura afrobrasileira, e, portanto, eles também assumem características negroides, tornando-se potenciais vítimas de racismo – embora não apresentem, necessariamente, o conjunto de traços fenotípicos mencionados anteriormente.

Para auxiliar nossa compreensão sobre a influência dos marcadores culturais, evocamos a obra de Gomes (2017), na qual a autora delinea as contribuições do Movimento Negro para a educação em seus diferentes níveis, da educação básica ao ensino superior. Destacam-se a nova conotação empregada ao termo negro, ressignificando seu uso de maneira a valorizar essa identidade; as reivindicações realizadas para a implementação da política de cotas nas universidades públicas; e as pioneiras reflexões e ações que esse coletivo vem desenvolvendo desde a sua origem.

No âmbito do movimento são realizadas práticas de fortalecimento da identidade negra, pois “os processos emancipatórios construídos pela comunidade negra e pelo Movimento Negro produzem saberes que desestabilizam e rompem

com o imaginário racista” (Gomes, 2017, p. 119-120). De modo semelhante, a prática do maracatu e da espiritualidade de religiões de matriz africana configuram-se como formas de resistência ao racismo, tendo em vista que essas práticas são constantemente suprimidas em nossa sociedade.

Silva (2021) em trabalho intitulado “Professoras negras universitárias: militância e identidade”, apresenta outro ponto de vista sobre o importante papel que a atuação política em movimentos sociais, não necessariamente raciais, desempenhou na construção da identidade racial de mulheres que são professoras universitárias. Ao lutarem por seus direitos nesses espaços puderam se reconhecer enquanto pessoas negras, evidenciando a interseccionalidade das opressões de gênero, raça e classe que vivenciam.

O processo de reconhecer-se negra teve grande relevância na formação das identidades dessas mulheres, pois ao se apropriarem de um olhar crítico desvelaram, questionaram e combateram o preconceito e a discriminação a que estavam submetidas no âmbito da vida pessoal e profissional, bem como experimentaram o sentimento de satisfação e orgulho das mulheres que se tornaram (p.5).

Percebe-se que o processo de reconhecimento de si mesma ocasionou uma valorização de sua identidade, ao perceberem as conquistas que foram obtidas mesmo com os obstáculos postos pelo racismo estrutural. No tópico seguinte, refletiremos mais profundamente sobre as inconsistências presentes na autodefinição da identidade negra, o seu contexto histórico e os conflitos vivenciados, especialmente com as pessoas pardas. Não pretendemos esgotar o debate sobre autodeclaração racial neste momento, mas, sim, indicar as problemáticas que geram as divergências a serem analisadas em nosso estudo.

### **1.1.3 - Autodeclaração racial**

A autodeclaração racial é a designação que uma pessoa realiza de si mesma sobre sua cor ou raça, dentro das categorias estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desde 1991 são utilizadas cinco categorias para designar a cor ou raça da população, sendo elas: preta, parda, branca, amarela ou indígena. Quando é solicitada em procedimentos oficiais – como censos, registros, matrículas e declarações –, a autodeclaração racial leva em consideração os parâmetros do IBGE para seu preenchimento. Trata-se, por exemplo, de um dos recursos amplamente utilizados pelas universidades públicas para promover o

acesso das pessoas negras às cotas que lhes são reservadas (Portela Júnior *et al.*, 2023).

A população negra é compreendida no Brasil como a junção das pessoas pretas e pardas, após diversas lutas e reivindicações políticas. O termo foi ressignificado por uma convenção do movimento negro organizado, em virtude das similaridades socioeconômicas vivenciadas por ambos os grupos e, posteriormente, passou a ser oficializado pelo Estatuto da Igualdade Racial (Lei Nº 12.288/2010). Após mais de uma década da publicação deste normativo, a população preta e parda continua sendo a que apresenta maiores taxas de pobreza, desemprego, insegurança de posse, violência, entre outras desigualdades sociais no país, quando comparadas à população branca, segundo dados recentes fornecidos pelo IBGE<sup>3</sup>. Esse cenário reforça a utilização desse agrupamento em consonância com esses parâmetros.

O censo demográfico, com o levantamento das características raciais da população, surge com o objetivo de quantificar as pessoas negras que ainda eram escravizadas no país, bem como aquelas nascidas após a Lei do Ventre Livre, para assim produzir uma estimativa de anos restantes para o fim da escravidão, sem que fosse necessária a sua abolição legal (Daflon, 2013). Também era utilizado para verificar se as políticas eugenistas de branqueamento da população estavam alcançando os resultados esperados para o período (Telles, 2003). Atualmente constitui um importante indicador das condições de vida da população, sendo a principal fonte de referência para investimentos e para o fomento de políticas públicas.

O IBGE é responsável por empregar as nomenclaturas oficiais utilizadas para a definição das raças e/ou cores da população, por meio dos censos demográficos realizados a cada 10 anos em todo o território nacional. Segundo Osório (2003), essas escolhas são fruto do vocabulário étnico-racial empregado cotidianamente pela sociedade brasileira no decorrer do tempo.

Entre as diversas expressões utilizadas no momento de realização do primeiro censo do país, em 1872, encontravam-se os termos “negro, preto, pardo,

---

<sup>3</sup> Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>. Acesso em: 26 jun. 2024.

branco, retinto, azeviche, oviano, cor retinta” (Osório, 2003, p. 18). No entanto, os mais utilizados pela população eram “preto, pardo e branco”, que foram adotados junto ao termo “caboclo” para designar as pessoas de origem indígena nesse censo. Com a realização de outros censos, essas categorias sofreram algumas alterações, como uma eventual substituição do termo pardo por mestiço e o acréscimo das categorias indígena e amarela, em virtude dos altos índices de imigração asiática.

Contudo, outras implicações estão presentes nas nomenclaturas que são utilizadas na delimitação da identidade negra, o que gera conflitos no momento da autodeclaração racial desses sujeitos. Observa-se, por exemplo, uma falta de identificação com a categoria pardo, em virtude da construção social e histórica que foi atribuída a essa nomenclatura. Inicialmente, o termo pardo era utilizado com conotação negativa, para reprovar a mistura racial realizada entre pessoas brancas e negras.

O termo “pardo”, que já era empregado em levantamentos demográficos pelo menos desde 1798, também era utilizado na linguagem cotidiana e atribuía um significado negativo à mistura racial, uma prática condenada pelas crenças populares e científicas em torno da segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX (Daflon, 2013, p. 44 *apud* Osório, 2003).

O discurso de distanciamento das origens afrodescendentes gera, nessas pessoas, a falta de pertencimento racial, pois não se consideram suficientemente negras e tampouco se reconhecem como pessoas brancas. Os traços “suavizados”, que demarcam sua ancestralidade ou que contrastam com o estereótipo atribuído às pessoas negras, lhes permitem maior passabilidade dentro dos ambientes de supremacia branca, ou seja, vivem “benefícios simbólicos por estarem mais perto do ideal humano (branco)” (Carneiro, 2023). No entanto, a receptividade nesses casos nunca será completa, tal qual ocorre entre pessoas brancas, em virtude dos marcadores de ancestralidade afrobrasileira que possuem.

Percebe-se que muitos conflitos estão presentes no reconhecimento que o sujeito possui de sua identidade negra. Ainda assim, destacamos que para construção de identidades negras, sobretudo positivadas, é preciso que essa identificação inicial parta de concepções autônomas da pessoa negra sobre si mesma. Para isso é importante criar ambientes, espaços e referências onde esses sujeitos possam se conhecer e reconhecer de modo positivo – como deve ser a escola.

Assim, é de fundamental importância que essas atitudes sejam implementadas desde as turmas da educação infantil até a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, promovendo a valorização de todas as identidades e a implementação de uma educação antirracista. Contudo, nem sempre a escola tem se configurado como esse espaço, seja por não combater atitudes racistas entre o corpo discente, docente ou até mesmo da gestão escolar, como veremos a seguir.

#### **1.1.4 - Educação Formal: Educação básica e Ensino superior**

Sendo o racismo um elemento estruturante da sociedade, a escola e a educação tornam-se um dos principais ambientes de perpetuação dos seus ideais. Portanto, não podemos ignorar a existência do racismo neste local, bem como a necessária intervenção da comunidade escolar (gestão, professores/as, coordenação etc.) no combate a estas discriminações – o que, infelizmente, nem sempre acontece.

Sueli Carneiro (2023) denota que “é a escola que aparece como cenário das primeiras experiências sociais de negação racial” (p. 286), muitas vezes pelo silenciamento escolar que ocasiona a evasão de jovens negros/as. Corroborando essa discussão, estabelecemos pontes com a já mencionada obra de Claudilene Silva (2010), na qual a autora reflete sobre a importante influência da educação formal, especificamente da escola, na construção da identidade negra dos sujeitos. Em pesquisa que realizou com professoras, aponta o relato de Mônica Oliveira como característico de situações discriminatórias, exposto em seguida.

Nesse espaço são vivenciadas em meio ao silenciamento cúmplice dos docentes, que não sabem como trabalhar a questão, como já indicou Delma Silva (2000) e Eliane Cavalleiro (2000). Algumas professoras entrevistadas, sem possuir outras referências sobre seu pertencimento, descobrem-se negras nessas situações pelo olhar dos colegas: “eu sabia que eu era negra porque alguns coleguinhas diziam: negra safada” [Profa. Mônica Oliveira] (Silva, 2010, p. 277).

Além dos conflitos vivenciados entre os(as) alunos(as), o corpo docente e a gestão das escolas também reproduzem práticas racistas e de omissão em relação aos/às estudantes negros/as de suas instituições. É fundamental compreender a heterogeneidade desse espaço e a importância de sua intervenção no fortalecimento das identidades de crianças negras, antes que elas sejam fragmentadas. Reis (2012) evidencia que a omissão nesse processo não apenas contribui para a fragmentação dessas identidades, mas também para sua negação.

As crianças negras, por exemplo, que foram fragilizadas num ambiente social e educacional opressivo e de discriminação, ao terem seu potencial frustrado, se não conseguirem condições para se libertarem de sua autoimagem acrílica, passarão o resto da vida se negando e se acomodando de sua condição de oprimida e outsiders. Não conseguirão a liberdade. Ficarão frustradas e, conseqüentemente, negando sua identidade, introjetando a visão que os outros construíram sobre elas, convencendo-se de sua incapacidade, de seu desvalor (Reis, 2012, p. 59).

Carneiro (2023, p. 300) traz ainda contribuições específicas para a educação escolar, abordando tanto seus obstáculos quanto potencialidades na construção da identidade negra, na qual a escola pode ser vista como um “instrumento de afirmação pessoal e social”. Inicialmente, a autora aponta o epistemicídio<sup>4</sup> cometido contra as pessoas negras como um dos principais entraves postos nesse processo. Esse epistemicídio ocorre por meio da exclusão nos ambientes educacionais, que desconsidera a pessoa negra como produtora de saber, reduzindo-a como fonte de informações. Além disso, nega-se o acesso ao conhecimento ancestral produzido por pessoas negras e sua devida legitimação, perpetuando políticas de discriminação.

Nesse sentido, como parte de uma educação afirmativa, Carneiro (2023) declara que a escola deve integrar em seus conteúdos e práticas pedagógicas as diferentes contribuições produzidas pela população de nosso país, reconhecendo as experiências dos(as) estudantes em sua diversidade, em vez de tratá-las como universais.

Há, portanto, uma educação a se fazer que tenha a identidade racial como centro do processo de afirmação, em contraposição a identidades que estilhaçam o sentido, aprisionam e repõem a cada vez a negação (Carneiro, 2023, p. 307).

Além dos fatores relacionados ao ambiente escolar, a autora estabelece algumas influências educativas que ocorrem nos espaços familiares, especificamente no papel da leitura para a construção da autonomia do sujeito em sua luta por emancipação. Carneiro (2023) apresenta as experiências positivas que o acesso a bibliotecas particulares, públicas e jornais promoveu aos participantes de sua pesquisa. Reforça ainda o importante incentivo familiar que estes participantes receberam para ascender socialmente por meio da educação,

---

<sup>4</sup> Carneiro (2023) aponta que o epistemicídio cometido contra pessoas negras se manifesta por meio de diversas ações que dificultam seu acesso à educação e negam sua capacidade de produzir conhecimento. Esse processo inclui a subordinação e marginalização social, a limitação ou negação de saberes, a implementação de políticas excludentes e a produção de conhecimento sobre pessoas negras sem sua participação efetiva.

valorizando o contato com livros e materiais de leitura durante seu processo de formação. Assim, a educação em seus diversos âmbitos possui relevância significativa para a construção da identidade negra em variadas faixas etárias.

Contudo, os impactos da educação básica – sejam eles positivos ou negativos – acompanham os sujeitos até o ambiente acadêmico na continuidade da sua formação educacional. O ensino superior, por sua vez, também tem contribuído tanto para a perpetuação do racismo quanto para a construção da identidade racial, como apontam as pesquisas de Silva Júnior e Domingues (2023); Reis e Silva (2023); Santos e Estácio (2023); Oliveira (2021); Silva (2021); Oliveira (2019); e Reis e Silva (2017). Essas pesquisas evidenciam que tais práticas ocorrem tanto na formulação do currículo dos cursos, que apresentam pouco ou nenhum referencial teórico de autores(as) negros(as) e comprometidos(as) com o combate à discriminação racial; quanto pela não transversalização do debate étnico-racial nas disciplinas – ou até mesmo por sua completa ausência.

Santos e Estácio (2023) explicitam que, na Universidade, esses diálogos por vezes se centralizam em ações extracurriculares, relegando “toda dor e sofrimento, bem como as lutas dos movimentos populares pela educação da negritude, em segundo plano, reforçando as suas invisibilizações” (p. 2). Assim, cabe a esses agentes ampliarem autonomamente essas discussões, muitas vezes sem o devido apoio da estrutura institucional.

Reis e Silva (2023) ao analisarem a inserção da Educação para as Relações Étnico-Raciais no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), realizaram entrevistas com discentes a fim de compreender sua perspectiva sobre as ações desenvolvidas nesse âmbito e constatou-se que os estudos da temática racial, apesar de sua limitada inserção curricular, fortaleceram o seu pertencimento racial. Parafraseando os autores da pesquisa, fica evidente a “importância do trabalho desenvolvido por docentes e grupos para o letramento racial e construção identitária dos(as) discentes e docentes” (p. 5).

Reis (2012), desenvolveu um estudo com professores(as) negros(as) doutores(as), destacando as dificuldades enfrentadas para consolidar sua identidade ao longo da educação básica e superior, períodos nos quais foram acometidos por práticas racistas e tiveram suas identidades negligenciadas. Contudo, é importante salientar que, no período em que os(as) participantes

frequentaram esses ambientes de ensino enquanto alunos(as), não existiam os avanços legais e normativos que os(as) estudantes de hoje vivenciam.

Diferentemente desse cenário, atualmente os cursos de Licenciatura em Pedagogia vivenciam três marcos legais e/ou orientações muito significativas para a educação e que contribuem para a sua construção identitária, sendo eles a reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº 10.639/2003); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – DCNERER (Brasil, 2004) e a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) – esta última especificamente em universidades públicas de ensino.

A LDBEN, principal normativo legal para regulamentação da educação no Brasil, sofreu uma alteração em 2003 para incluir o artigo 26-A (Lei nº 10.639/2003), que prevê a inserção da história e cultura indígena, africana e afrobrasileira nos currículos da Educação Básica e Superior com o intuito de promover a equidade racial no campo pedagógico. A obrigatoriedade do estudo do tema representa um importante avanço para os espaços educativos; no entanto, por si só, não garante sua efetiva implementação, conforme previsto no momento de sua formulação.

Dessa forma, surgem as DCNERER (Brasil, 2004), com orientações que auxiliam na implementação do artigo 26-A da LDBEN (Lei nº 10.639/2003) nas escolas, levando em consideração as demandas apresentadas por professores(as) de todo o país após a sua promulgação. As DCNERER estabelecem princípios que apontam objetivos a serem alcançados e um deles refere-se ao Fortalecimento de Identidades e de Direitos, que deve orientar para:

- O desencadeamento de processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida;
- O rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas;
- Os esclarecimentos a respeito de equívocos quanto a uma identidade humana universal;
- O combate à privação e violação de direitos;
- A ampliação do acesso a informações sobre a diversidade da nação brasileira e sobre a recriação das identidades, provocada por relações étnico-raciais;
- As excelentes condições de formação e de instrução que precisam ser oferecidas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, em todos os estabelecimentos, inclusive os localizados nas chamadas periferias urbanas e nas zonas rurais (Brasil, 2004, p. 20).

Dessa forma, estudantes e professores, na atualidade, têm a oportunidade de desenvolver estudos que lhes permitam compreender as diferentes identidades

presentes em nossa sociedade, sua constituição e as hierarquias estabelecidas em cada uma, a fim de que possam ser combatidas. Assim, é importante que haja o compartilhamento das ações realizadas entre os/as professores/as, para que as atitudes realizadas na escola – e até mesmo na universidade – possam, de fato, promover a equidade racial (Meinerz e Kaercher, 2021).

Já no ano de 2012 outro importante marco legal é implementado em nossa sociedade, a Lei nº 12.711, popularmente conhecida como Lei de Cotas, que prevê a reserva de vagas para pessoas negras (pretas e pardas) em instituições públicas de ensino. Essa conquista deu-se após diversas reivindicações do movimento negro, que evidenciou a exclusão educacional vivenciada por pessoas negras no decorrer da história nacional em todos os níveis de ensino, mas, principalmente, na educação superior.

O trabalho de Oliveira (2021) apresenta como a presença de corpos negros no ambiente universitário, após a publicação da Lei de Cotas, tem modificado as relações que ali se constituem. Os sujeitos participantes do seu estudo (pessoas negras) sentiram-se motivadas a reconstruir suas identidades com a maior presença de pessoas negras na universidade e destacaram a intervenção que alguns coletivos desenvolveram, lhes auxiliando na permanência acadêmica e na superação de ações discriminatórias ali vivenciadas.

Reis e Silva (2023) também destacam a política de cotas como principal responsável pelo ingresso de discentes interessados em desenvolver estudos sobre esse campo em Trabalhos de Conclusão de Curso, Projetos de Extensão e Pesquisa. O que acaba por modificar as estruturas pré-estabelecidas nesse ambiente, que centraliza suas perspectivas nos vieses eurocêntricos de produção e consumo do saber.

O ambiente acadêmico também aparece com destaque em virtude das práticas de resistência que nele se desenvolvem, apesar dos obstáculos institucionais que são colocados. Mesmo diante dessa estrutura, a participação no espaço de educação formal da Universidade tem permitido novas elaborações individuais para a identidade negra, propiciando perspectivas positivas de resistência e reconstrução de uma história de silenciamento. Em sua obra, Grada Kilomba (2019) apresenta reflexões a partir de sua atuação nesse ambiente, que demonstram o papel fundamental desempenhado para sua reafirmação, como podemos ver a seguir.

[...] as/os intelectuais negros/as se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevem a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este também é um lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade (Kilomba, 2019, p. 58-59).

Fica evidente que assumir o local de produtores/as do saber, assim como investigar conteúdos que se relacionam com sua experiência de vida, tem sido fatores que auxiliam na posituação dessas identidades. Assim como afirma Carneiro (2023), a afirmação de si parte de uma nova autodefinição, construída autonomamente através de leituras, discussões e da luta por emancipação coletiva. Nesse processo, a universidade é um ambiente de reivindicação de si mesmo, de desconstrução de paradigmas e de novas elaborações.

Após a discussão sobre os conceitos que são orientadores para o nosso trabalho; como a identidade, o racismo e suas concepções; elaboramos marcadores que nos auxiliam a compreender as identidades negras dentro do fenômeno que desejamos investigar: o ambiente educacional. Concluímos este capítulo reconhecendo a complexidade do estudo sobre identidades, especialmente quando se trata das identidades negras, que foram construídas por um longo processo histórico de exclusão social, reivindicações e conquistas. A análise dessas identidades, portanto, exige uma abordagem sensível às dinâmicas de resistência e transformação que permeiam esse percurso.

## **CAPÍTULO 2: OPÇÕES METODOLÓGICAS**

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que é particularmente adequada para explorar a questão-problema em foco: como ocorreu o processo de construção da identidade negra entre as estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE. De acordo com Minayo (2016), essa abordagem visa “aprofundar-se no mundo dos significados e das ações e relações humanas” (p. 22), aspectos essenciais para a análise da identidade negra, pois refere-se a uma construção social que envolve o sentimento de pertencimento a um grupo étnico-racial.

Esse pertencimento possui dimensões tanto subjetivas quanto simbólicas, uma vez que as identidades são formadas na interação com o outro e são mediadas por processos históricos de colonização e colonialidade, ocorrendo tanto em espaços institucionais quanto em contextos não institucionais. Dessa forma, a identidade negra é construída a partir das experiências vividas e das relações que influenciam essas dinâmicas de pertencimento.

Com a compreensão da complexidade que envolve esses processos, nosso objetivo geral é analisar a construção da identidade racial de estudantes de Pedagogia na UFRPE e assim contribuir com a reflexão sobre os fatores essenciais na sua delimitação, investigando os elementos e experiências que se apresentam durante a sua construção. De maneira complementar, nossos objetivos específicos consistem em investigar o papel desempenhado pelas características fenotípicas de pessoas negras na construção de sua identidade racial; bem como delinear as referências políticas, culturais, teóricas e pessoais que utilizam nesse processo. Também é um anseio explorar a influência da formação acadêmica na construção identitária das participantes do nosso estudo e assim desenvolver um panorama mais completo do seu perfil.

Inicialmente, para aprofundamento na temática, foi realizado um estado do conhecimento com algumas produções acadêmicas desenvolvidas sobre a construção da identidade negra de estudantes universitários, prioritariamente de pedagogia. Para isso foram escolhidas as publicações das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e dos Congressos Brasileiros de Pesquisadores(as) Negros(as) (COPENE).

Esses eventos fornecem uma ampla gama de produções científicas que abordam questões raciais e identitárias, contribuindo para uma base teórica sólida no desenvolvimento desta pesquisa. O primeiro reúne as principais pesquisas desenvolvidas sobre educação em nosso país, apresentando inovadoras experiências, o que o tornou um espaço de referência para o debate na área educacional. Enquanto o segundo traz destaque às produções realizadas por pessoas negras sobre suas vivências e atravessamentos, sendo o maior congresso desenvolvido com esta finalidade, projetado e realizado sob princípios antirracistas.

O levantamento realizado nas publicações dos anais ocorreu em 04 de março de 2024, utilizando como palavras-chave os termos “identidade racial” e “pedagogia” que estavam presentes nos títulos, palavras-chave e/ou resumos dos trabalhos disponíveis nos anais de cada edição. Como recorte temporal delimitamos as últimas cinco realizações dos eventos, que possuem frequência bienal, abrangendo o período entre 2015 e 2023. Após isso, uma seleção foi feita para identificar aqueles que tratavam especificamente da construção da identidade negra de discentes em cursos de licenciatura, prioritariamente de Pedagogia, para analisarmos em nosso estudo. Assim, foi possível elaborar alguns pressupostos teóricos iniciais que auxiliaram na identificação de aspectos novos e já existentes sobre o fenômeno investigado.

As contribuições desses trabalhos estão integradas ao longo do texto, nos capítulos 1 e 3, evidenciando que, em diversos contextos regionais, sociais e culturais, as pessoas negras enfrentam o impacto contínuo do racismo. Para facilitar a sistematização, uma relação dos trabalhos analisados nos anais de cada evento está disponível no Apêndice I. É necessário destacar que nas duas mais antigas edições consultadas de realização do COPENE, os anais estão disponíveis como caderno de resumos, o que limitou uma compreensão mais detalhada de alguns de seus trabalhos em virtude da finalidade do material publicado.

Em um segundo momento, foi aplicado um questionário online por meio da plataforma Google Formulário, direcionado às estudantes regularmente matriculadas entre o terceiro e o oitavo período da matriz curricular atual do curso. A seleção desse grupo ocorreu devido à abordagem de questões raciais e identitárias desenvolvida ao longo desses períodos, proporcionando às alunas uma maior profundidade de discussão sobre o tema. Além disso, as participantes já tiveram tempo para consolidar sua adaptação ao ambiente acadêmico,

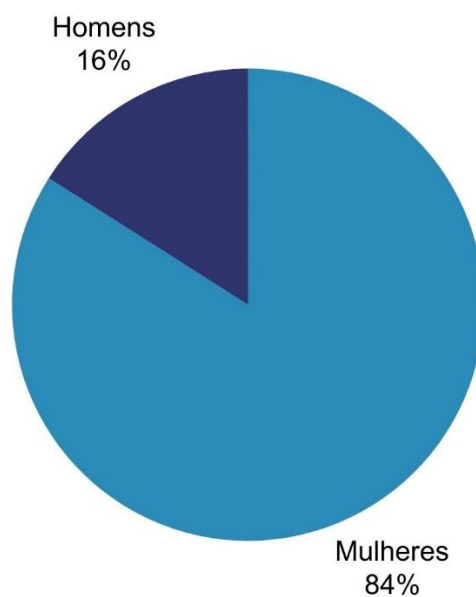
desenvolvendo maturidade para compreender melhor as contribuições específicas que esse espaço lhes proporciona.

O questionário foi aplicado de forma digital entre os dias 27 de março e 19 de abril de 2024, com divulgação presencial nas salas de aula do curso de Pedagogia da UFRPE e por meio dos principais canais de comunicação do curso. Ao todo, obtivemos 20 participações. O modelo utilizado para a elaboração do questionário pode ser consultado no Apêndice II.

Durante o trabalho, utilizamos exclusivamente o gênero feminino ao nos referirmos às pessoas que participaram do preenchimento do formulário utilizado para coleta de dados. Essa escolha se deu em razão da maior quantidade de estudantes mulheres presentes no curso presencial de Pedagogia na UFRPE, segundo dados fornecidos pela Coordenação, referentes ao segundo semestre letivo de 2024, expressos no Gráfico 1. Enquanto os Gráficos 2, 3 e 4 referem-se a dados quantitativos que também auxiliam na compreensão do perfil das participantes.

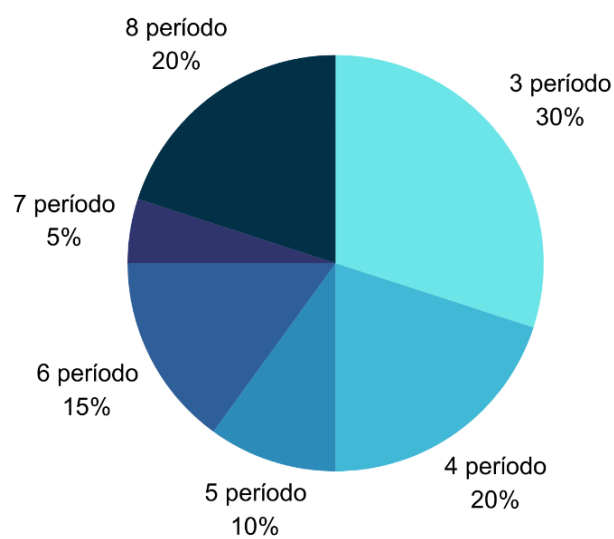
A delimitação dos gêneros apresentados – em homens e mulheres – se deu pelos dados obtidos pela coordenação nos registros individuais de cada estudante, contudo, destacamos a necessidade da elaboração de pesquisas que consigam contemplar as diversas identidades que constituem nosso corpo estudantil, especialmente as identidades da comunidade queer, para que, posteriormente, consigamos ter uma interpretação mais próxima da realidade que é vivenciada.

**Gráfico 1:** Gênero dos(as) estudantes do curso presencial de Pedagogia na UFRPE.



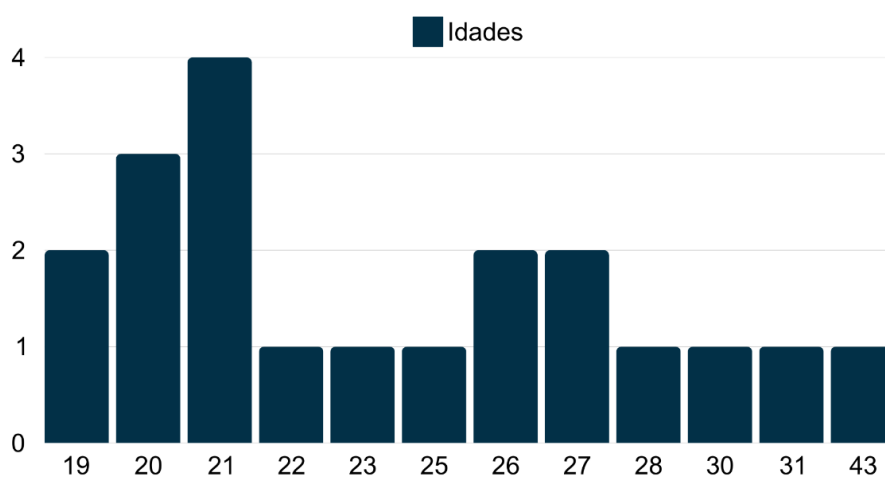
Fonte: Coordenação do curso presencial de Pedagogia na UFRPE (2025).

**Gráfico 2:** Período em que as participantes estavam matriculadas.



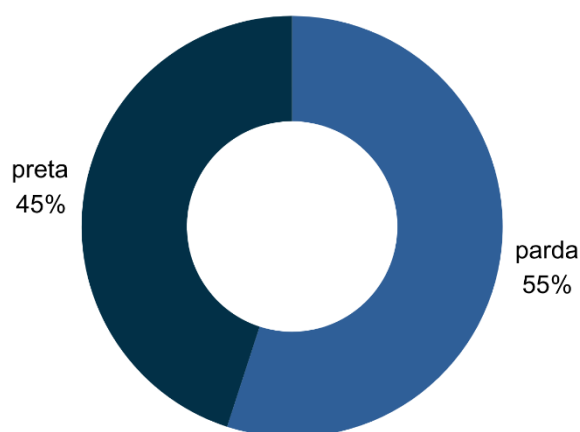
Fonte: Elaboração própria (2024).

**Gráfico 3:** Idades das participantes.



Fonte: Elaboração própria (2025).

**Gráfico 4:** Autodeclaração racial das participantes.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Para preservar a identidade das participantes, foram atribuídos nomes fictícios, inspirados em pedras preciosas de tonalidades marrom e preta, simbolizando de forma positiva a cor da pele negra, com o objetivo de enaltecer e valorizar essa característica que historicamente tem sido alvo de violências.

A técnica de análise adotada para os dados coletados é a análise de conteúdo, aplicada nas respostas do questionário. Essa técnica é apropriada, pois permite múltiplas interpretações, revelando informações que podem ir além do que o próprio emissor estava consciente ao produzir sua comunicação (Lara e Molina, 2011, p. 148). Além de permitir uma sistematização de dados com base em características e categorias-chave, o que se adequa ao tipo de análise que realizamos. Possibilitando não apenas identificar as similaridades e diferenças entre o campo teórico estudado e as respostas das participantes, mas também explorar novos caminhos ainda não abordados na literatura acadêmica e científica.

Conforme proposto por Gomes (2007), esse método envolve três etapas principais: (1) pré-análise, onde os dados serão organizados e categorizados; (2) exploração do material, onde serão identificadas as unidades de significado e os temas principais; e (3) interpretação, onde as categorias identificadas serão analisadas à luz do referencial teórico.

Durante o desenvolvimento da fundamentação teórica, apontamos algumas categorias que se referem à marcadores que propiciam a construção da identidade negra, a saber as Características fenotípicas; Marcadores culturais e/ou políticos; a Autodeclaração racial; e a Educação formal – Educação básica e Ensino superior. Que também foram identificadas nos dados que obtivemos em nossa coleta, como será exposto no capítulo a seguir. Por meio dos relatos obtidos, também foi possível elaborar novas categorias advindas da formação em Pedagogia na UFRPE, que proporcionou um aprofundamento no debate das relações étnico-raciais em nossa universidade.

## **CAPÍTULO 3: DESCOBERTAS E REFLEXÕES DA PESQUISA**

Para compreendermos de forma mais ampla as múltiplas dimensões que se desenvolvem para a construção da identidade negra, foi essencial abordar as discussões teóricas que fundamentam essa temática e se relacionam com os dados obtidos em nossa pesquisa. Essas discussões fornecem uma base sólida para analisar os elementos históricos, culturais, sociais e políticos que moldam essa identidade. Ao nos debruçarmos sobre os relatos trazidos por nossas participantes, obtidos por meio de sua contribuição no questionário online, pudemos identificar vivências pessoais que revelam como essas dimensões são experienciadas através dessas narrativas.

No “Capítulo 2 – Opções metodológicas” foi apresentada de forma mais detalhada a metodologia empregada em nossa pesquisa, portanto, retomaremos apenas algumas informações referentes a esse processo nesse momento. O questionário foi aplicado de forma digital e ao todo obtivemos 20 participações. Os relatos de cada participante apresentam diferentes experiências para a construção da identidade negra, mas também aduzem similaridades que orientam caminhos de reflexão. Neste trabalho, adotamos a análise de conteúdo temática (Gomes, 2007) para melhor compreendermos essas experiências e delimitamos algumas categorias para abordá-las, apresentadas a seguir.

### **3.1 - Características fenotípicas: “menos favorita” por não ser branca**

Como foi apontado, as características fenotípicas são elementos chave para a delimitação da identidade negra, especificamente o corpo e o cabelo, em virtude da expressão do racismo em nossa sociedade. Por isso, foi necessário investigar como a relação com essas características influenciou a construção identitária de nossas participantes. Analisando os dados obtidos, todas consideraram que tais marcadores foram fundamentais neste processo, pois tornaram-se os principais motivos de percepção do racismo. Mesmo diante de outros marcadores, o corpo e o cabelo tornam-se o alvo de repressões. A seguir, trazemos alguns dos relatos que demonstram vivências racistas em razão do cabelo:

Constantemente no 9º ano eu era chamada de macumbeira por conta das faixas que colocava no meu cabelo, além do **meu cabelo sempre ser um alvo de olhares e piadinhas veladas sobre os cuidados com ele por ele ser cheio e volumoso** [Obsidiana, 21 - parda].

**O que mais influenciou, nesta fase, a construção da minha identidade racial foi o fato de eu sofrer racismo por causa do meu cabelo.** Eu gostava de colocar tranças desde muito nova e, por vezes, eu fui alvo de racismo pelos meus colegas [Opala Negra, 25 - preta].

Boa parte das minhas experiências foram negativas, me fizeram perceber que eu estava a margem das relações escolares. **Durante o ensino fundamental sofri bullying/racismo por conta do meu cabelo** [Ônix, 21 - preta].

Comentários negativos sobre meu cabelo [Cianita negra, 19 - preta].

Percebe-se que as experiências racistas que foram vivenciadas pelas participantes tinham como fundamento a inferioridade que é relacionada ao cabelo crespo ou cacheado, como apontado por Gomes (2019), e, assim, eram vistas como pessoas sujas, feias e mal cuidadas. Em razão dos significados que representam, o corpo e o cabelo de pessoas negras também podem se destacar como “veículos de expressão e de resistência sociocultural” (p. 25), ao confrontarem os padrões de beleza do branqueamento e recriar uma relação de valorização da ancestralidade africana. Dessa feita, reforçam-se os traços fenotípicos para combater os estereótipos e a hierarquização racial que é historicamente empregada.

Quanto aos significados que o corpo e, mais especificamente o cabelo, representam, Anita Pequeno (2019) aborda alguns acontecimentos que buscaram combater a percepção de que o cabelo crespo ou cacheado é “ruim”. A autora destaca os movimentos *Black Power*, *Black is Beautiful* e o Movimento Rastafári como importantes estratégias políticas para a valorização do cabelo crespo e de combate ao racismo, uma vez que incentivavam a utilização do cabelo natural, sem alisamento capilar. A prática do alisamento é apresentada como uma maneira de romper com estereótipos associados à identidade negra através de uma manipulação no corpo. Dessa forma, almeja-se atingir padrões brancos de beleza para inserção no meio social.

Vale salientar que o alisamento capilar não se resume a isso, mas deve ser questionado em decorrência da violência estruturante do racismo. Outrossim, o cabelo liso é visto como mais fácil de cuidar porque “o regime de cuidado é moldado por assunções da branquitude” (Pequeno, 2019, p. 3). Ou seja, diante de uma sociedade que não reconhece a beleza negra, não se produzem táticas que atendem suas especificidades.

Além das manifestações discriminatórias relacionadas com o cabelo, algumas participantes relatam vivências de racismo em razão da cor de sua pele e sua identidade racial:

Outra situação que foi consideravelmente repetida nos anos iniciais e finais do fundamental foi algumas **atitudes de repúdio e nojo por parte dos meus colegas de turma por causa da minha cor** [Opala Negra, 25 - preta].

Eu sempre estudei com uma prima da mesma idade, branca. Desde sempre eu sempre senti que ela era a favorita de todos, de professores á garotos. Na época eu não entendi o porquê e sempre colocava a culpa em mim, por não ser boa o suficiente. Mas depois que virei adulta e comecei a estudar sobre racismo e tudo mais, me dei conta que provavelmente eu era a "**menos favorita**" por não ser branca [Axinite, 26 - parda].

Assim, tais características apresentam grande importância para a construção da identidade racial negra, nas experiências analisadas elas ocorreram, inicialmente, através de atitudes racistas e preconceituosas com colegas e até mesmo no ambiente familiar. Ainda assim, outros marcadores e influências contribuem nesse processo. A seguir, dialogamos sobre os marcadores culturais e/ou políticos e as especificidades advindas do envolvimento com grupos e coletivos que refletem sobre as relações raciais no escopo de sua atuação.

### **3.2 - Marcadores culturais e/ou políticos: “ativando o modo Malcolm X”**

Em nossa pesquisa os marcadores culturais e/ou políticos também aparecem para as participantes como ambientes de reconhecimento da racialidade, ao promoverem o encontro com sujeitos que vivem realidades raciais diferentes, que possuem variados níveis de estudo e discussões sobre o racismo e apreciam a ancestralidade afrobrasileira. Ainda assim, apenas cerca de 30% das participantes da nossa pesquisa marcaram o envolvimento com movimentos culturais e/ou políticos como importantes para esse processo.

Das respostas obtidas, 3 demonstram a importância atribuída à participação em movimentos sociais, mesmo que não seja desenvolvida tão ativamente pelas participantes, e 2 indicam que a participação ativa em movimentos sociais proporcionou um olhar mais atento para as experiências vividas em função da racialidade.

**Capoeira, terreiro são lugares que eu faço o movimento que meus ancestrais almejam pra minha vida**, ainda não participo de forma direta de nenhum movimento social, mas sou muito bem informada, precisando ir pra rua, tamo ai **ativando o modo Malcolm X** e acredito que em algum

momento me unirei a um, enquanto não chega o momento, estamos ai na prática ativa no cotidiano [Obsidiana, 21 - parda].

Particpei do Movimento estudantil (União Jovem Socialista, União dos Estudantes de Pernambuco) e grupos percussivos de maracatu, **estar nesses ambientes me ajudaram a consolidar aspectos da minha negritude que não foram possibilitados durante boa parte da minha vida**, como a identificação de aspectos sociais e culturais que perpassam a minha identidade [Ônix, 21 - preta].

**Acredito que se integrar nos movimentos sociais antirracistas é uma das principais formas de se construir a própria identidade racial**, pois é com o contato com o outro, é com o reconhecimento em outras falas e vivências que faz com que o seu próprio reconhecimento como pessoa não-branca começa [Âmbar, 20 - parda].

A prática de religiões de matriz africana, participação na luta de capoeira e grupos percussivos de maracatu, presentes nos relatos, são símbolos de afro brasilidade, bem como o samba, o coco e outros, que estão presentes em grupos que representam a cultura negra e, portanto, influenciam a construção dessa identidade. Outro elemento destacado é a participação política em movimentos que buscam combater o racismo e angariar melhorias de vida para a população negra. Como representação de engajamento político foi apontada a expressão “ativando o modo Malcolm X”, representando a luta por direitos civis realizada por Malcolm para os afro-americanos que também pode ser realizada em seu contexto pessoal.

Diferentemente dos marcadores apontados anteriormente na fundamentação teórica, em nossa pesquisa duas das participantes ressaltaram a ancestralidade como um dos pilares fundamentais na construção de sua identidade, ampliando a nossa discussão e estudos. Elas compartilharam suas percepções sobre como suas origens moldaram quem são hoje, trazendo à tona um relato pessoal que carrega uma forte carga simbólica e emocional.

A linhagem à qual pertenço, onde minha mãe é uma mulher negra, nascida de homem pardo e mulher preta; e meu pai é indígena, nascido de pais indígenas [Opala Negra, 25 - preta].

O relato de Opala Negra demonstra como a valorização das raízes é essencial para compreender a si mesmo, ao mesmo tempo em que evidencia as complexas intersecções entre raça, cultura, etnia e ancestralidade na formação da identidade individual e coletiva.

Enquanto isso, Kornerupine apresenta que sua identificação racial inicialmente ocorre diante do contexto familiar que vive. Filha de mãe preta e pai branco, nunca se identificou com a tonalidade de pele de nenhum de seus pais,

achava-se “branca demais para ser preta e escura demais para ser branca”, por isso, identificava-se como parda (e por esse motivo respondeu nosso questionário).

No entanto, ao participar de um coletivo social que busca combater desigualdades e promover uma melhor qualidade de vida para as pessoas beneficiadas com suas ações, percebeu, na interação com outros/as integrantes do coletivo, que seus traços físicos associados à sua trajetória de vida a identificam como uma pessoa branca que vive os privilégios correspondentes a esse grupo racial. Evidenciando a influência que um coletivo político teve para a sua compreensão individual.

Coletivo Jardim de Saberes, **pode entender mais profundamente algumas questões em função da autodeclaração** e minha posição de privilégio diante de outros integrantes do coletivo **[Kornerupine, 26 - branca/parda]**.

Por meio da trajetória de Kornerupine, também fica evidente a influência da ancestralidade para a construção da identidade racial, no entanto, não é um fator que a delimita. Suas características fenotípicas, ainda que intercambiantes em alguns parâmetros, a constituem como uma pessoa branca, fator que só pôde ser percebido por ela mesma após sua participação em um movimento social. Aqui relembremos a discussão realizada anteriormente, sobre como as características fenotípicas desempenham um papel crucial para a construção da identidade negra. Tendo em vista que tais características podem, ou não, ser passadas por meio da ancestralidade, sendo expressas de maneira diferente para cada indivíduo, como afirma Souza e Ribeiro (2023, p. 142):

Entre a negação e a afirmação da cultura negra, permanece o esforço de reconhecer a pluralidade da vivência negra em suas performances, criações que esgarçam as dores do cativo e nos coloca num campo aberto diante das memórias ancestrais que podem nos conduzir à construção de um eu negro, eu pessoa e uma história futura de liberdade.

Iniciamos então a discussão sobre a autodeclaração racial e como ela é constituída. No tópico seguinte, iremos refletir mais profundamente sobre as inconsistências presentes na autodefinição da identidade negra, o seu contexto histórico e os conflitos vivenciados especificamente com as pessoas pardas. Não pretendemos esgotar o debate sobre autodeclaração racial nesse momento, mas, sim, indicar as problemáticas que causam as divergências que iremos analisar nos nossos dados.

### 3.3 - Autodeclaração racial: “estou num processo de descoberta”

Em nosso estudo, perguntamos às participantes sua autodeclaração racial segundo as categorias estabelecidas pelo IBGE, ou seja, preta ou parda. Das 20 respostas obtidas, 11 se identificaram como pardas e 9 como pretas. Em seguida, perguntamos qual seria sua autodeclaração espontânea, que poderia ou não corresponder às nomenclaturas definidas pelo IBGE. Das 11 pessoas que se autodeclararam pardas de acordo com o IBGE, apenas 4 mantiveram essa autodeclaração espontaneamente, enquanto as demais utilizaram os termos preta, morena ou negra. Entre as 9 participantes que se autodeclararam pretas de acordo com o IBGE, 5 mantiveram a autodeclaração, 3 utilizaram a nomenclatura negra (com variações do termo) e 1 utilizou ambas as designações, preta e negra.

**Quadro 1:** Autodeclaração racial espontânea das participantes.

Autodeclaração racial segundo o IBGE	20
Pardas	11
Pretas	9
<b>PARDAS - Autodeclaração racial espontânea</b>	<b>11</b>
Parda	4
Negra	4
Preta e morena	1
Preta	1
Branca	1
<b>PRETAS - Autodeclaração racial espontânea</b>	<b>9</b>
Preta	5
Negra com variações no termo (ex: neguinha, negona, etc.)	3
Preta e negra	1
<b>Total de participantes</b>	<b>20</b>

Fonte: Elaboração própria (2025).

Identifica-se que somente metade apresentou a mesma autodeclaração que foi informada inicialmente e as maiores divergências estiveram relacionadas às pessoas pardas, que expressam preferência pela utilização exclusiva do termo negra. A população negra em nossa sociedade é representada pela soma de pessoas pretas e pardas, isso ocorre porque negro se tornou uma cor política, que também representa uma luta por melhores qualidades de vida.

Ainda quanto às pessoas pardas, percebe-se, por meio dos relatos apresentados a seguir, que a construção de sua identidade racial ocorreu de maneira longínqua, de forma que não conseguem lembrar a partir de quando esse processo teve início.

Não sei definir bem, mas sempre me chamaram de "morena" na escola e isso sempre apontou para mim que eu não era branca (isso é nítido em mim), entretanto, algo que sempre me gerou dúvidas era que muitas das pessoas que alegavam que eu era "morena" me diziam que eu não era negra enquanto outros ainda alegavam que pardo não existe [**Ágata, 21 - parda**].

Não tenho muitas lembranças na verdade, mas sei que demorei muito tempo para me perceber preta, por muitas vezes usei o termo "parda", mas não por identificação e sim por não me reconhecer mesmo, infelizmente até por não querer, felizmente esse pensamento foi mudando com o passar dos anos, principalmente no ensino médio onde pude me encontrar e enfim ver beleza em minha negritude, desde então quero ser cada dia mais reconhecida como preta [**Olho de tigre, 20 - preta**].

Por meio desse relato e das respostas que encontramos nas autodeclarações espontâneas das pessoas pardas, as terminologias "morena" (Quartzo Rutilo, 31, parda) e "negra não retinta" (Escapolita, 27 - parda) reforçam a falta de identificação com a categoria "pardo" do IBGE. Tais termos criam, no cotidiano, um discurso articulado à ideologia do embranquecimento que gera uma prática de distanciamento das origens afrodescendentes, que ocasionam a falta de pertencimento racial, pois estas pessoas não se consideram suficientemente negras e tampouco se veem como pessoas brancas.

A ausência de um reconhecimento racial bem definido também teve implicações significativas para algumas participantes de nossa pesquisa, especialmente no momento de seu ingresso na universidade. Muitas delas, devido à falta de conscientização ou à internalização de estereótipos e preconceitos raciais, optaram por não se beneficiar das políticas de ação afirmativa, como o sistema de cotas, que reserva específicas para pessoas negras (pretas e pardas).

Entrei na seleção de portador de diploma, pois já tenho uma licenciatura, mas também não entrei como cota, ainda não me reconhecia como pessoa negra [Andalusite, 30 - preta].

Entrei com a cota de baixa renda. Sou parda, mas fiquei com medo de não aceitarem e eu perder a vaga na universidade [Escapolita, 27 - parda].

Pois apesar de sim, [me] considero preta, pois não sou branca, mas tenho certeza de que não passaria nesse critério, por não ter um cabelo afro e minha pele não ser [tão] escura assim [Quartzo Rutilo, 31 - parda].

Um dos recursos utilizados para a implementação da matrícula de pessoas que concorrem a vagas destinadas para pessoas negras é a autodeclaração racial do(a) candidato(a), enquanto o outro recurso complementar é o procedimento de heteroidentificação realizado por uma comissão da instituição. Tal procedimento consiste na identificação por terceiros da condição autodeclarada do indivíduo e tem por objetivo evitar fraudes nessa importante política afirmativa. Ainda assim, as respostas obtidas indicam que as participantes não se consideravam aptas a usufruir desse direito e tinham o receio de não serem identificadas como pessoas negras pelos membros da comissão, o que expressa os muitos conflitos que são postos no reconhecimento que o sujeito possui de sua identidade negra.

Essa escolha reflete a complexidade das construções identitárias e as dificuldades enfrentadas por essas pessoas em posições que se preocupam com um grupo racial historicamente marginalizado, em parte devido à negação de sua negritude ou à pressão social para se distanciarem dessa identidade. A não adesão às cotas, portanto, é um reflexo da invisibilidade social e da exclusão simbólica sofrida.

### **3.4 - O papel da escola**

Ao serem questionadas se a escola contribuiu para a construção de sua identidade racial, 10 participantes afirmaram que não houve contribuição. Entre essas, 6 não especificaram os motivos, enquanto 2 destacaram o silenciamento escolar sobre questões raciais. Uma participante relatou que apenas no ensino médio pôde começar a enxergar a beleza em sua negritude, enquanto outra, autodeclarada parda, afirmou ter enfrentado conflitos de identidade por ser constantemente chamada de "morena".

Entre as 4 participantes que consideraram que a escola contribuiu positivamente para a formação de sua identidade racial, 2 não especificaram os aspectos dessa contribuição. Uma delas mencionou que a experiência escolar foi

importante para perceber a diferença de tratamento entre ela e uma prima branca, enquanto outra afirmou que a contribuição foi positiva, mas ressaltou que muitas questões permaneceram veladas, sendo compreendidas somente na universidade.

Por outro lado, 6 participantes identificaram que a escola contribuiu de forma negativa para sua construção identitária. Uma destacou o silenciamento escolar, evidenciando que o tema racial não era abordado. Outra participante relatou que enfrentou a exclusão e estereótipos racializados. Além disso, 3 mencionaram experiências de racismo relacionadas a características fenotípicas, como a pele e o cabelo, enquanto outra relatou ter sofrido com apelidos pejorativos, o que impactou negativamente sua vivência escolar.

**Quadro 2:** O papel da escola para a construção da identidade racial.

Não houve contribuição	10
Não especificaram os motivos.	6
Destacaram o silenciamento escolar.	2
Pôde ver beleza em sua negritude apenas no ensino médio, sem influência direta da escola.	1
Relatou que constantemente era chamada de morena na escola e por isso teve muitos conflitos para entender sua identidade racial.	1
<b>Contribuiu negativamente</b>	<b>6</b>
Apontaram experiências de racismo relacionadas a características fenotípicas.	3
Destacou o silenciamento escolar, evidenciando que o tema racial não era abordado.	1
Enfrentou exclusão escolar e estereótipos racializados.	1
Relatou ter sofrido com apelidos pejorativos.	1
<b>Contribuiu positivamente</b>	<b>4</b>
Não especificaram os motivos.	2
Pôde perceber a diferença nos tratamento que recebia em comparação a pessoas brancas.	1
Afirmou que a contribuição foi positiva, mas ressaltou que muitas questões permaneceram veladas.	1
<b>Total de participantes</b>	<b>20</b>

Fonte: Elaboração própria (2025).

Diante dessas experiências, as participantes sugeriram ações que poderiam ter sido desenvolvidas pelas escolas para contribuir com a construção de suas identidades negras. Entre as sugestões, destacaram a necessidade de contato com livros e leituras que abordem a temática racial, a promoção de conversas e diálogos abertos sobre racismo e o reconhecimento da identidade racial, além da inclusão de debates mais amplos que contemplem essas questões no ambiente escolar.

Explorando agora as contribuições do ambiente educacional, identificamos, por meio dos seguintes relatos, a perpetuação da exclusão escolar e dos estereótipos negativos sobre as pessoas negras e os locais que ocupam na sociedade. Tais relatos estão em consonância com as observações de Carneiro (2023) sobre os impactos da educação básica na vida dos sujeitos, destacando a urgência de refletir e modificar as práticas pedagógicas que contribuem para a manutenção do racismo.

Nunca houve representatividade ou conversas sobre racismo, reconhecimento da identidade racial e etc. Na minha escola do ensino médio, ouvi da diretora que "tinha carta branca para ser racista, pois tinha negros na família". Isso contribuiu para que eu me fortalecesse em quem sou, me fez querer ir no sentido contrário do que a escola e a diretora queriam, me fez perceber as injustiças sociais ainda mais. Mesmo que tenham tentado contribuir negativamente, me ajudou a perceber como o mundo funciona e de que lado quero estar [**Âmbar, 20 - parda**].

Simplemente, não tive. Durante minha formação básica, não tive contato com livros ou leituras que pudessem agregar ou me ajudar nessa construção, assim como não tínhamos conversas, diálogos [**Mali Garnet, 21 - preta**].

Na escola nunca tive momentos de reflexão ou para construção racial [**Calcedônia, 22 - parda**].

Em concordância, Ônix reflete em sua resposta a reprodução de um sistema de exclusão escolar que historicamente marginaliza as pessoas negras, restringindo seu acesso a uma educação de qualidade. Além disso, evidencia a persistência de estereótipos negativos que não apenas desvalorizam as capacidades intelectuais e profissionais das pessoas negras, mas também confinam os espaços sociais e as limitações econômicas.

Boa parte das minhas experiências foram negativas, me fizeram perceber que eu estava a margem das relações escolares. Durante o ensino fundamental sofri bullying/racismo por conta do meu cabelo e geralmente era posta como a "empregada" nas brincadeiras sobre "família", já no ensino médio nunca fui preterida dentro das relações de amizade e raramente considerada como opção "romântica" [**Ônix, 21 - preta**].

Evidencia-se que, para as nossas participantes, a escola não desempenhou um papel significativo na valorização ou na promoção de reflexões sobre sua identidade negra. A ausência de um ambiente educativo que incentivasse o reconhecimento e o fortalecimento dessa identidade resultou na falta de um impacto que pudesse se refletir em sua trajetória acadêmica no ensino superior. Esse contexto reforça a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a representatividade, a equidade e o pertencimento racial no ambiente escolar.

### **3.5 - Graduação em Pedagogia: contribuições do ensino superior**

Em contraste com os relatos identificados no Capítulo 1, o curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) foi apontado como uma experiência positiva na construção da identidade racial por 18 das 20 participantes. Entre essas, 7 destacaram que o curso auxiliou diretamente na construção ou consolidação de suas identidades raciais. Uma participante atribuiu essa construção às trocas e aprendizagens vivenciadas em sala de aula com estudantes e professores, enquanto 9 relataram que o curso ampliou seus conhecimentos, proporcionando um aprofundamento significativo na temática racial.

As contribuições positivas foram especialmente destacadas em dois espaços principais. Nove participantes enfatizaram o papel das disciplinas, que se mostraram fundamentais como locais de reflexão e debate sobre identidade racial. Além disso, três participantes destacaram as relações interpessoais como um elemento essencial, mencionando que o respeito mútuo, o incentivo ao autoconhecimento, as conversas maduras e a troca de experiências relacionadas ao racismo foram cruciais para esse processo. Embora cinco participantes não tenham especificado os contextos em que essas contribuições ocorreram, uma delas mencionou que atividades como palestras e debates foram relevantes.

Por outro lado, duas participantes relataram que o curso não contribuiu para sua construção identitária. Uma delas não especificou os motivos, enquanto a outra atribuiu essa ausência de contribuição a atitudes de professores que reforçavam a branquitude, comprometendo a abordagem inclusiva e reflexiva que o curso poderia proporcionar.

**Quadro 3:** Contribuições da graduação em Pedagogia na UFRPE.

Contribuiu positivamente	18
Ampliou seus conhecimentos, proporcionando um aprofundamento significativo na temática racial.	9
Auxiliou diretamente na construção ou consolidação de suas identidades raciais.	7
Atribuiu essa construção às trocas e aprendizagens vivenciadas em sala de aula com estudantes e professores.	1
Não especificou os motivos.	1
Não houve contribuição	2
Indica que não contribuiu em razão de atitudes, por parte de professores, que fortalecem a branquitude.	1
Não especificou os motivos.	1
Total de participantes	20

Fonte: Elaboração própria (2025).

O curso presencial de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE, desde a reformulação do seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) em 2007, insere uma discussão específica sobre identidade e diversidade étnico-racial de maneira a atender as exigências estabelecidas pelo já mencionado artigo 26-A da LDBEN (Lei nº 10.639/2003). Medida que também foi implementada em todos os cursos de Licenciatura da universidade, de maneira pioneira no contexto nacional. Por meio da reflexão sobre o perfil discente do egresso, o curso elenca alguns objetivos a serem atingidos através da formação docente proporcionada, entre eles, deseja-se que os/as estudantes, ao atuarem em suas profissões estejam aptos a:

VII - identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com posição investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de **contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais**, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras;

VIII - **demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial**, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras (Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2018, p. 34).

Para atingir esses objetivos, centraliza essa pauta em alguns componentes curriculares que são ministrados em diferentes períodos da matriz curricular.

Identificamos no ementário dos componentes curriculares obrigatórios, os seguintes componentes como principais desenvolvedores dessa discussão, trazendo obrigatoriamente a abordagem e a inserção de atividades que refletem sobre as relações raciais na sociedade: a) Fundamentos Socioantropológicos da Educação; b) Identidade, Cultura e Sociedade; e, c) Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Esses componentes desenvolvem estudos e atividades mais aprofundadas sobre o racismo na sociedade e, mais especificamente, na educação. Possuem a finalidade de capacitar os/as estudantes para uma atuação docente que diminua as desigualdades em sala de aula, mas ainda assim foi possível identificar que trazem contribuições para a consolidação da identidade racial dos/as discentes do curso.

O artigo 26 – A da LDB, que implementa a obrigatoriedade do debate sobre as relações raciais com vistas a promover a igualdade racial, não alcançou, efetivamente, a formação básica das participantes do nosso estudo. Tornando o ambiente universitário o primeiro a promover sistematicamente o estudo da temática e conseqüentemente as primeiras reflexões sobre suas próprias vivências.

No questionário aplicado, buscamos identificar se o curso de Pedagogia teria, ou não, acrescentado contribuições na formação da identidade racial das participantes. Surpreendentemente, 18 pessoas alegaram que contribuiu positivamente, quantitativo expressivo quando comparado ao total de respostas obtidas. Os seguintes relatos apresentam, embora sinteticamente, que esse desenvolvimento positivo se deu em razão dos diálogos com professores, entre os pares, mas, principalmente, por meio das disciplinas que compõem a matriz curricular do curso.

Nas aulas, principalmente no 5º período, tive contato com a professora Denise Botelho e, aos poucos, fui entendendo mais sobre questões raciais e percebendo que talvez eu tivesse mais coisas em mim do que imaginava. E isso se perdura até os dias de hoje. Responder essa pesquisa é um dos grandes passos que estou dando para me ver e reconhecer enquanto pessoa negra, mesmo que tenha receios e não me ache suficiente (em relação a características) para ocupar esse espaço **[Mali Garnet, 21 - preta]**.

Foi no curso de Pedagogia onde me entendi enquanto mulher parda **[Calcedônia, 22 - parda]**.

Com a disciplina de Identidade [Cultura e Sociedade] eu comecei a cada vez mais a buscar me entender, me conhecer e descobrir de onde vim, como me formei... a buscar referências que pudessem me auxiliar nesse

autodescobrimento e tudo graças ao maravilhoso prof Aristeu Portela [Ágata, 21 - parda].

Nas aulas de Identidade [Cultura e Sociedade], eu pude ter a certeza plena da minha identidade. Eu ainda era muito confusa, mesmo sabendo dos meus traços e ancestrais [Escapolita, 27 - parda].

No curso, o que já estava começando a ser consolidado em mim sobre minha identidade racial foi significativamente reforçado. Através de cadeiras que abordem temáticas como a diversidade racial e cultural, e consequentemente as discussões sobre estas temáticas me ajudaram a me perceber mais como tal. Além disso, o respeito mútuo entre as pessoas é mais positivos na Universidade, pelo menos na UFRPE tem sido desta forma [Opala Negra, 25 - preta].

Eu já gostava do tema, mas nunca tinha me aprofundado. Por ser parda sempre me senti "no meio" e confusa sobre tudo. As aulas de identidade que tive no segundo período me ajudaram muito a entender mais sobre mim e sobre o esse assunto racial [Axinite, 26 - parda].

Me descobri negra. Antes de ingressar no curso eu não entendia que uma pessoa, mesmo de pele mais clara, também poderia ser negra por causa de sua ascendência e outras características fenotípicas, como cabelo e formato do nariz [Pyrope, 20 - preta].

Colaborar positivamente na construção da identidade negra de pessoas que já enfrentaram diversas situações de cunho discriminatório, embora não percebessem, durante sua trajetória de vida, não é uma função fácil. Exige muita sensibilidade para compreender as fragilidades e dores que o racismo acarreta nas diversas áreas da vida cotidiana. Por isso, as DCNERER apontam a necessidade de professores/as capazes e qualificados para “direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferente pertencimento étnico-racial” (Brasil, 2004, p. 17), por meio de uma formação que não contemple apenas a compreensão das questões relacionadas à diversidade étnico-racial, como a adoção de atitudes antirracistas, críticas, respeitosas e positivas. Contribuindo dessa forma para uma reeducação das relações raciais na sociedade em todos os níveis de ensino.

Compreendendo a importância dessa formação, buscamos identificar quais concepções nossas participantes possuíam sobre o papel do debate sobre identidades raciais na formação em Pedagogia. As respostas obtidas evidenciam as positivas e necessárias reflexões realizadas nesse ambiente e puderam ser registradas em 5 categorias. No entanto, é importante salientar que em virtude da inter-relação da temática, alguns relatos apresentam informações intercambiantes entre algumas categorias, contudo, expressam predominantemente a abordagem de uma delas, e por isso foram categorizadas desta forma.

O principal papel da formação em Pedagogia, elencado por 7 participantes, é o de contribuir para a construção da identidade racial do(a) pedagogo(a) em formação, como também das pessoas que irão educar, sejam crianças e/ou adultos. Enquanto isso, 6 evidenciam apenas a importância de compreender como atuar positivamente na identidade racial das pessoas que irão educar, sem inserir a própria identidade como fruto desse processo. Em contraste com os dados anteriores, 2 respostas indicam que esse debate tem a função de auxiliar na construção da identidade racial dos/as estudantes, como ponto inicial de reflexão para a discussão. Em outro sentido, 3 relatos demonstram mais uma vez que a formação em Pedagogia pode ampliar os conhecimentos dos/as estudantes sobre as relações raciais em nossa sociedade. Por último, identificamos 2 respostas que explicitam que tal debate têm o papel de combater o racismo. Embora outros relatos indiquem ações que também contribuem com esse propósito.

**Quadro 4:** O debate sobre identidades raciais na formação em Pedagogia.

O papel do debate sobre identidades raciais na formação em Pedagogia	20
Contribui para a construção da identidade racial do(a) pedagogo(a) em formação, como também das pessoas das pessoas que irão educar, sejam crianças e/ou adultos.	7
É importante para compreender como atuar positivamente na identidade racial das pessoas que irão educar, sejam crianças e/ou adultos.	6
Ampliar os conhecimentos sobre as relações raciais em nossa sociedade.	3
Contribui para a construção da identidade racial do(a) pedagogo(a) em formação.	2
Explicitamente demarcam que contribui para o combate ao racismo.	2
Total de participantes	20

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os relatos nos apontam ainda a importância do combate ao racismo e a valorização da racialidade, pois é crucial conhecer esse fenômeno para que possamos combatê-lo. É importante que todas as pessoas, não somente pessoas negras, construam essas reflexões para atuar em sociedade. Evitando colocar em um grupo racial a responsabilidade que confere a todos, principalmente no ambiente educacional, que historicamente tem invisibilizado a temática.

Na sociedade em que vivemos é necessário que o educador seja entendido e busque entender o mínimo necessário sobre o assunto para que possa auxiliar seus estudantes a viver suas experiência de vida de forma respeitosa e igualitária, é preciso que esse educador entenda -se como uma pessoa que tem uma identidade racial e se posicione no mundo diante do que ela lhe "exige" [...], nossas crianças negras precisam de pessoas que ensinem a elas sobre como transgredir as barreiras que a sociedade coloca entre elas e os seus sonhos e é esse pedagogo que vai começar a pautar isso nos primeiros anos ou até nos últimos anos das vidas dessas crianças e adultos (caso de EJA) [**Ágata, 21 - parda**].

Sem dúvidas, ele não só vai nos ajudar a entender nosso lugar como vai nos habilitar, nortear e dar segurança para contribuir com a formações das nossas crianças [**Mali Garnet, 21 - preta**].

O debate sobre identidade racial é de extrema importância na formação, a partir dele é possível se entender enquanto ser humano e se colocar em locais onde antes não eram ocupados. Refletindo sobre as vivências e podendo contribuir para uma geração que se reconhece dentro de suas racialidades [**Calcedônia, 22 - parda**].

Um papel de extrema importância! O pedagogo, enquanto promocial da educação, lida com pessoas de todas as raças, etnias, com diferentes históricas e grupos sociais. Estudar, conhecer refletir e se apropriar desta temática é de grande importância para o educador, pois este influenciará diretamente a vida de seus educandos com sua prática e comportamento de modo geral. Compreender as diferentes raças, origens e valores, facilitará a igualdade de comportamento do pedagogo para com seus alunos e até mesmo seus pares [**Opala Negra, 25 - preta**].

É crucial que pedagogos em formação tenham esse debate sobre identidade racial para que no futuro possam ser professoras e professores mais conscientes e sensíveis ao abordarem essas questões em sala de aula [**Axinite, 26 - parda**].

Acredito que um dos principais papéis dos debates sobre identidade racial seja para nós como educadores tenhamos uma melhor compreensão dessa temática para que possamos formar crianças antirracistas nas escolas [**Olivine, 28 - preta**].

Extremamente necessário, principalmente por ser a maior parte da população brasileira (ser negra), torna-se um professor letrado racialmente é o mínimo que um pedagogo pode almejar, tendo em vista que ele trabalha na base da formação humana e o quanto ele puder empoderar nossas crianças é fundamental [**Andalusite, 30 - preta**].

Vai nos trazer principalmente autoconhecimento, consciência sobre a diversidade, consciência sobre como a população negra e as crianças negras têm sido tratadas, reflexões sobre como mudar essa realidade, além de que vai nos capacitar a sermos educadores culturalmente responsivos, capazes de promover ambientes de aprendizado inclusivos, equitativos e socialmente justos [**Âmbar, 20 - parda**].

Assim, o debate sobre identidades raciais na formação em Pedagogia assume o papel de consolidar a identidade racial dos/as discentes e construir uma identidade profissional politicamente engajada no combate às discriminações que qualquer viés. O/a pedagogo/a muitas vezes irá atuar com crianças que estão no início de sua formação humana, momento crucial para evitar que a identidade de

crianças negras seja fragmentada. É essencial que profissionais da área da educação tenham sensibilidade e conhecimento para combater o racismo estrutural, tendo em vista que a maior parte da população de nosso país é composta por pessoas negras.

## CONCLUSÃO

Ante a abordagem apresentada, é possível constatar que o racismo é um elemento significativo na construção da identidade negra, porém não é o único. É necessário reconhecer a sociedade desigual em que vivemos, para que assim possamos combater as desigualdades que nela se expressam. Contudo, também é importante evidenciar as influências celebrativas desse processo, que contribuem para uma identidade negra positiva e reafirmada.

Atingimos, portanto, os objetivos propostos para esta pesquisa, analisando a construção da identidade racial de estudantes de Pedagogia na UFRPE. Compreendemos os fatores essenciais na sua delimitação, por meio dos relatos apresentados no questionário, que nos permitiram investigar os elementos e experiências que se apresentaram – e ainda apresentam – durante a sua construção.

Por meio da literatura estudada, foi possível compreender que a população negra é constantemente violada em direitos básicos, principalmente os educacionais. Sendo necessário romper com o silenciamento desses ambientes e reconhecer as desigualdades raciais que nele se manifestam. A manutenção deste cenário perpetua as desigualdades raciais existentes, estigmatizando e invalidando as especificidades que as pessoas negras vivem decorrentes destas violências.

Além disso, foi possível verificar que existem fatores que se tornam mais influentes na construção da identidade negra, como as características fenotípicas, expressas pela pele e o cabelo. Refletimos, por meio da literatura e dos relatos das participantes, sobre a manifestação do racismo tendo por alvo os cabelos crespos e cacheados, julgados como sujos, descuidados e feios. Tais ações ocorreram (e ainda ocorrem) em diferentes ambientes, como o familiar e o educacional, e trazem impactos negativos para a aceitação da identidade negra.

A vivência em outros ambientes, com foco na cultura e religiosidade, foi apontada como significativa para a identidade negra das participantes investigadas, bem como a participação política em movimentos que buscam combater o racismo e angariar melhorias de vida para a população negra. Outro fator de grande importância é a influência da ancestralidade para a construção individual dessas identidades, que, contudo, não a torna delimitadora desse processo.

Por sua vez, a autodeclaração racial apresentada pelas participantes varia quando é solicitada de acordo com o IBGE e segundo definições espontâneas. As maiores divergências aconteceram entre as participantes pardas, reforçando a falta de identificação com a categoria “pardo” do IBGE, em parte devido à negação de sua negritude ou à pressão social para se distanciarem dessa identidade. Essa falta de identificação trouxe implicações para seu ingresso na vida acadêmica, como a não adesão às cotas com recorte racial das quais teriam direito.

O importante papel desempenhado pela educação para a positivação ou negação da identidade negra é representado por meios dos quadros elaborados. A escola é historicamente um dos espaços de manutenção da estrutura racista da nossa sociedade, ao se omitir no combate às atitudes discriminatórias que ocorrem dentro e fora do seu espaço físico. Analisando as experiências que as participantes tiveram em sua trajetória escolar, identificamos a falta de abordagem de pautas raciais nas escolas, assim como a exclusão, diferença de tratamento, apelidos pejorativos e estereótipos racializados. Como pedagogas em formação, temos o dever de realizar a descontinuidade desse processo e por isso a formação na Universidade aparece com destaque para a aproximação desse objetivo.

É expressiva a contribuição advinda da participação no ensino superior, que proporcionou reflexões capazes de auxiliar positivamente na consolidação dessas identidades, bem como no aprofundamento do estudo do racismo e seus impactos. Os componentes curriculares obrigatórios aparecem como primeiros espaços a realizar tais reflexões sistematicamente com as estudantes, por meio das trocas com professores/as e os pares. Foi possível analisar que a o debate sobre relações raciais na formação em pedagogia é de fundamental importância para o combate ao racismo no ambiente educacional, onde deve ocorrer a valorização das mais diversas identidades.

Como continuidade para essa pesquisa, pretendo desenvolver estudos, no âmbito da pós-graduação, que permitam reflexões a partir de outras experiências e que auxiliem no conhecimento das melhorias que precisamos vivenciar no ensino superior público. As dificuldades encontradas durante a realização desse trabalho, entre elas a falta de identificação da quantidade de pessoas autodeclaradas negras no curso presencial de Pedagogia na UFRPE, já nos trazem importantes alertas para refletirmos sobre as condições de permanência estudantil dos(as) estudantes negros(as).

Mais que isso, precisamos estar atentos(as) para a implementação de uma educação antirracista em todos os seus vieses. Compreender a prática discursiva estabelecida pelo racismo nos auxilia a modificar as desiguais relações raciais em que vivemos, criando estratégias de sobrevivência e uma resistência inteligente. É nessa perspectiva que desejamos atuar, não permitindo que discursos de meritocracia, racismo e outras opressões sejam determinantes na construção da identidade de pessoas negras.

## REFERÊNCIAS

Afreekassia e G.a.b.o. Sou + As Negras. Mondé: 2023. (2:41min)

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra – Coleção Feminismo Plurais, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 189-217.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen – Coleção Feminismo Plurais, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DAFLON, Verônica Toste. **Tão longe, tão perto: pretos e pardos e o enigma racial brasileiro**. 2014. 198 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40-51, 2002.

\_\_\_\_\_. **O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MEINERZ, Carla Beatriz; KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva; ROSA, Graziela Oliveira Neto da. **Ações afirmativas, obrigatoriedade curricular da educação das relações étnico-raciais e formação docente**. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e254366, 2021.

MESQUITA, Tayná Victória de Lima. Decolonizando o Eu: Reflexões a partir de um ponto de vida negro. In: PINHO, Carolina; MESQUITA, Tayná Victória de Lima. (Org.). **Pedagogia Feminista Negra: primeiras aproximações**. São Paulo: Veneta, 2022. p. 45-74.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-29.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 79-108.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **O Sistema Classificatório de Cor e Raça do IBGE**. Brasília, 2003.

PEQUENO, Anita. **História sociopolítica do cabelo crespo**. Revista Z Cultural: 2019.

REIS, Maria da Conceição dos. **Educação, identidade e história de vida de pessoas negras doutoras do Brasil**. Recife: 2012.

RODRIGUES, Vera; BONFIM, Marco Antonio Lima do. Identidade. In: RIOS, Flávia *et al.* (Org.). **Dicionário das Relações Étnico-Raciais Contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 273-279.

SCHMIDT, B.; PALAZZI, A.; PICCININI, C. A. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **REFACS**, Uberaba, MG, v. 8, n. 4, p. 960-966, 2020.

SILVA, Claudilene. A construção da identidade étnico/racial de professoras negras e os saberes mobilizados nesse processo. In: SANTIAGO, Eliete; SILVA, Delma; SILVA, Claudilene (Orgs.). **Educação, escolarização e identidade negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE UFPE**, 2010. p. 257-298.

SOUZA, Cristiane S. Souza; RIBEIRO, Jucélia S. Bispo. Cultura negra. In: RIOS, Flávia *et al.* (Org.). **Dicionário das Relações Étnico-Raciais Contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 136-142.

TELLES, Edward. **Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Trad. Ana Arruda Callado, Nadjeda Rodrigues Marques, Camila Olsen. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fundação Ford, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia**. Recife, 2018.

## APÊNDICE I - TRABALHOS SELECIONADOS NO ESTADO DA ARTE

<b>41ª Reunião Nacional ANPEd</b>
<p>SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da; DOMINGUES, Lucian Erlan Silva. Trabalho apresentado no GT 21 - Educação e Relações Étnico-raciais. Anais da 41a Reunião Científica da ANPEd. Rio de Janeiro, outubro de 2023. ISSN: 2447-2808. 2023.</p> <p>REIS, Maria da Conceição dos; SILVA, Yure Gonçalves da. Trabalho apresentado no GT 21 - Educação e Relações Étnico-raciais. Anais da 41a Reunião Científica da ANPEd. Rio de Janeiro, outubro de 2023. ISSN: 2447-2808. 2023.</p> <p>SANTOS, Rosinaldo de Souza dos; ESTÁCIO, Marcos André Ferreira. Trabalho apresentado no GT 21 - Educação e Relações Étnico-raciais. Anais da 41a Reunião Científica da ANPEd. Rio de Janeiro, outubro de 2023. ISSN: 2447-2808. 2023.</p>
<b>40ª Reunião Nacional ANPEd</b>
<p>OLIVEIRA, Tatiane de. Identidades negras na universidade. Trabalho apresentado no GT 21 - Educação e Relações Étnico-raciais. Anais da 40a Reunião Científica da ANPEd. Rio de Janeiro, outubro de 2021. ISSN: 2447-2808. 2021.</p> <p>SILVA, Maria do Rosário de Fátima Vieira da Silva. Professoras negras universitárias: militância e identidade. Trabalho apresentado no GT 21 - Educação e Relações Étnico-raciais. Anais da 40a Reunião Científica da ANPEd. Rio de Janeiro, outubro de 2021. ISSN: 2447-2808. 2021.</p>
<b>39ª Reunião Nacional ANPEd</b>
<p>OLIVEIRA, Luciana Ribeiro de; GOMES, Ana Cristina da Costa. Mulher Negra, representação e pedagogias outras: diferentes formas de ver e fazer educação antirracista. Trabalho apresentado no GT 21 - Educação e Relações Étnico-raciais. Anais da 39a Reunião Científica da ANPEd. Rio de Janeiro, outubro de 2019. ISSN: 2447-2808. 2019.</p>
<b>38ª Reunião Nacional da ANPEd</b>
<p>REIS, Maria da Conceição dos; ALVES, Ellis Cristine Oliveira Alves; SILVA, Auxiliadora Maria Martins da. O processo educativo do movimento social Encrespa Geral para a afirmação da identidade negra. 2017. Trabalho apresentado no GT 21 - Educação e Relações Étnico-raciais. Anais da 38a Reunião Científica da ANPEd. Maranhão, outubro de 2021. ISSN: 2447-2808. 2017.</p>
<b>XI COPENE</b>
<p>SILVA, Julmar Aparecido Gomes da; PEREIRA, Queila Amanda Landi; SILVA, Reginaldo Chaves da; SANTANA, Janaina de Jesus Lopes; SANTOS, Eliana Cristina Pereira. Relações étnico raciais na educação infantil: Contribuições do professor de educação infantil. Negras escrituras, interseccionalidades e engenhosidades: EDUCAÇÃO E POLÍTICAS afirmativas. Curitiba : Universidade Federal do Paraná, 2020. p. 210 – 219.</p>

### **IX COPENE**

SOUSA, Helainy Emília Lira de. A construção da identidade negra na Universidade Federal da Paraíba. GT 01: Ação afirmativa e afrobrasileiros: experiências de implantação, dilemas e possibilidades. Mato Grosso do Sul, 2017. p. 7.

ALVES, Demaísa de Sousa. Educadoras negras: Encruzilhando trajetórias, formações e práxis docente. GT 05: As memórias subterrâneas dos afro-brasileiros na educação brasileira. Mato Grosso do Sul, 2017. p. 63.

### **VIII COPENE**

SILVA, Cristiano Pinto da; COELHO, Wilma De Nazaré Baía. Identidade afro-brasileira no pensamento de Kabengele Munanga. Belém – PA, 2014. p. 1131.

FABRINI, Pollyanna. Do ato estético ao ato político: Uma análise do cabelo e corpo do negro. Belém – PA, 2014. p. 1387.

ARAUJO, Débora Cristina de. Relações raciais na escola: reflexões a partir da implementação do artigo 26-A da LDB. Belém – PA, 2014. p. 1482.

FERNANDES, Viviane Barboza. Identidade negra entre construções, reconstruções e ressignificações. Belém – PA, 2014. p. 1956.

## APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO VIRTUAL

Oiee 😊! Agradecemos por se disponibilizar a participar desta pesquisa, em 15 minutinhos você nos auxilia a compreender como se dá a construção da identidade negra das/os discentes do nosso curso, a sua participação é fundamental. Acreditamos ser necessário investigar essas questões porque assim podemos analisar as contribuições que elas podem trazer para a formação de futuras/os professoras/es, especialmente na Pedagogia. A pesquisa é destinada para estudantes negros/os de Pedagogia matriculadas/os a partir do 3º período.

Elencamos algumas perguntas sobre seu processo pessoal de construção da identidade racial, que nos auxiliarão no entendimento da temática e que estão presentes no decorrer do questionário. Havendo qualquer dúvida pode falar com Lauane Xavier, discente responsável, por e-mail ou WhatsApp. Estamos à disposição! 🍷

E-mail: [lauane.xavier@ufrpe.br](mailto:lauane.xavier@ufrpe.br)

WhatsApp: (81)997498700

\* Indica uma pergunta obrigatória

Em que período você está no curso? \*

- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

Qual a sua idade?

Sua resposta

A Lei de Cotas (Lei N°12.711/2012) reserva uma porcentagem de vagas para pessoas pretas e pardas, que tenham cursado o ensino médio em escola pública, no acesso às universidades federais. Seu ingresso no curso de Pedagogia da UFRPE se deu por essa modalidade? \*

- Sim
- Não

Caso a resposta seja negativa, você gostaria de nos contar o motivo?

Sua resposta

Segundo o Estatuto da Igualdade Racial (Lei N° 12.288/2010), a população negra é entendida no Brasil como a junção das pessoas pretas e pardas. Considerando esse parâmetro e as categorias oficiais do IBGE, qual a sua autodeclaração racial? \* Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

- Preta(o)
- Parda(o)

Como você se autodeclara racialmente? \*

Aqui você pode utilizar expressões diferentes das que são utilizadas pelo IBGE, se desejar.

Sua resposta

Que fatores você considera fundamentais na construção da sua identidade racial? \*

Características fenotípicas (corpo e cabelo)

Participação em movimentos sociais

Participação em coletivos culturais e/ou religiosos

Outro:

Por favor, especifique quais são os movimentos, coletivos e/ou outros fatores fundamentais na construção da sua identidade racial e exemplifique as contribuições que lhe trouxeram.

Sua resposta

Você considera que sua experiência na educação básica contribuiu para a formação da sua identidade racial? \*

Sim, contribuiu positivamente

Sim, contribuiu negativamente

Não contribuiu

Caso deseje, narre de forma breve uma experiência na escola que você considera positiva ou negativa para a construção da sua identidade racial.

Sua resposta

Você considera que o curso de Pedagogia contribuiu para a formação da sua identidade racial? \*

Sim, contribuiu positivamente

Sim, contribuiu negativamente

Não contribuiu

Relate brevemente como o curso de Pedagogia contribuiu para a construção da sua identidade racial. \*

Sua resposta

Para você, qual o papel do debate sobre identidades raciais na formação da(o) pedagoga(o)? \*

Sua resposta

Ficamos felizes com suas contribuições em nossa pesquisa e gostaríamos de saber se você aceitaria participar de uma entrevista sobre essa temática em outro momento? Caso a resposta seja positiva, nos diga um contato que você utiliza com frequência.

Sua resposta